



HUDSON WESLEY SILVA E SILVA

**RAP COMO INSTRUMENTO FORMADOR DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA: a
socialização da juventude periférica de Cruz das Almas.**

Cachoeira – BA

2018

HUDSON WESLEY SILVA E SILVA

**RAP COMO INSTRUMENTO FORMADOR DE CONCIÊNCIA POLÍTICA: a
socialização da juventude periférica de Cruz das Almas.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão Pública.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Daniela Abreu Matos

Cachoeira-Ba

2018

HUDSON WESLEY SILVA E SILVA

**RAP COMO INSTRUMENTO FORMADOR DE CONCIÊNCIA POLÍTICA: a
socialização da juventude periférica de Cruz das Almas.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão Pública.

Aprovado em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Daniela Abreu Matos, UFRB.
(Orientadora)

Prof.^a Lys Maria Vinhaes Dantas, UFRB.

Prof. Jorge L. C. Cardoso Filho, UFRB.

AGRADECIMENTOS

Presto meus agradecimentos a mamãe, por ter deixado de fazer para si, para fazer por mim. Essa é apenas uma etapa em que eu chego, mas se posso te deixar orgulhosa, já me faz feliz.

Aos meus pais de consideração que me apoiam bastante, "Coroa", valeu por cada feijão.

A Daniele Ramos, que tem um lugar especial em meu coração e sempre terá.

A minha orientadora Daniela Matos, que em meio a tantas atividades conseguiu me trazer aqui. Obrigado Dani por me proporcionar o suporte necessário.

Ao Coletivo da Quebrada, por ter "abraçado" essa ideia.

Aos meus "irmãos" do Rancho.

E em especial ao Rap, por todas as letras, por todos os *beats*, por todos ensinamentos e conscientização. Espero poder retribuir.

*“Já venci as batalhas, agora eu vou vencer a guerra,
Um bordão tipo “nóiz na fita” te irrita?
Mas hoje vai ter que fingir que preto é sua cor favorita.”*

Emicida

SILVA. Hudson Wesley Silva e. **Rap como instrumento formador de consciência política:** a socialização da juventude periférica de Cruz das Almas. 65 p. Trabalho de Conclusão do Curso de Tecnologia em Gestão Pública - Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2018.

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender a dinâmica da construção da música Rap como uma forma de conscientização política da juventude periférica. O Rap, desde sua origem, está inserido em causas sociais por possuir um discurso crítico que denuncia e protesta contra as desigualdades sociais e discriminações raciais, além de reivindicar melhores condições de vida para a população periférica. A grande influência exercida pelo rap, na juventude da periferia, muito se dá pela linguagem utilizada nas composições para retratar assuntos que fazem parte da cotidianidade desses jovens. A proposta procurou apresentar os principais conteúdos que relacionam a música Rap com a concepção de consciência política. Entendendo que a consciência política, através do rap, se manifesta na juventude da periferia, mediante seu engajamento nas causas sociais, participando ativamente em sua construção como ator social e autor de si próprio. Para comprovar tal hipótese, foram previamente selecionadas cinco músicas dos integrantes do grupo de rap Coletivo da Quebrada, situado na periferia do município de Cruz das Almas. A análise partiu da associação à quatro operadores analíticos, sendo eles Juventude, Direitos, Cidadania e Políticas Públicas, que serviram para realizar a discussão com os conteúdos encontrados nas letras dos raps. Assim podendo ser verificado nas composições dos jovens que se organizam em torno do Coletivo da Quebrada que, através do rap, eles se conscientizam politicamente, difundem saber, buscam conhecimento para injetar em suas letras as demandas desta categoria juvenil. Ou seja, ao se organizarem para buscar atuação de maneira à causar impacto social na periferia, eles estão reforçando a identidade coletiva que é um dos fatores principais para a formação de consciência política.

PALAVRAS-CHAVE: Rap; Consciência Política; Juventude Periférica; Cultura Hip-Hop;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo da camisa utilizada pelos integrantes do Coletivo da Quebrada.

Figura 2 – Atividade realizada pelo Coletivo da Quebrada na Palmeira.

Figura 3 – Coletivo da Quebrada em entrevista na rádio Santa Cruz FM.

Figura 4 – Coletivo da Quebrada no IV Festival da Juventude.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1- HIP-HOP: expressão da cultura popular	13
1.1- Hip-Hop no Brasil: a trilha sonora da favela.....	19
CAPÍTULO 2- JUVENTUDE E O RAP	22
2.1- Espaço de educação e formação de consciência.....	26
CAPÍTULO 3- COLETIVO DA QUEBRADA	30
3.1- Análise das músicas: Juventude.....	36
3.2- Direitos.....	41
3.3- Cidadania.....	44
3.4- Políticas Públicas.....	49
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
5- REFERÊNCIAS	56
6. ANEXOS	62

1. INTRODUÇÃO

O Rap é o elemento musical da cultura hip-hop, que é formada ainda pelo Grafite, DJ e o *B-break*. A música Rap, atualmente muito difundida em todo o mundo, teve sua origem marcada por um movimento contestatário e de protesto nos Estados Unidos da América, dos anos 70, chegando ao Brasil com o mesmo discurso de protesto e reivindicação pelos espaços públicos e denunciando as más condições de vida enfrentada pela juventude periférica. Devido ao fato de manter um discurso crítico, esses jovens se reconhecem com o estilo musical, por ele dar visibilidade às demandas características do cotidiano dessa categoria, que compõe uma classe social privada dos meios de subsistir de forma digna, expondo o processo de exclusão social, discriminação do povo pobre e negro da periferia.

A aproximação ao tema, bem como o interesse em iniciar essa pesquisa, parte de uma associação da cultura Hip-Hop, em especial do Rap, com a formação de consciência política. A escolha do Rap como tema deve-se muito por fazer parte da minha trajetória pessoal e também acadêmica, pois sempre utilizava do conhecimento adquirido com o Rap, para compreender determinadas problemáticas que eram levantadas em sala de aula. Na infância, tive os primeiros contatos com o estilo musical, que vieram através das músicas do grupo Racionais MCs, grupo de origem paulistana, mais especificamente do bairro periférico Capão Redondo, Zona Sul da cidade de São Paulo. Este teve um imenso papel durante o desenvolvimento da minha infância, pois, as composições de suas letras sempre reforçavam a luta contra a discriminação racial e desigualdades sociais. Outro grupo de Rap que fez surgir o profundo interesse nesse trabalho foi o grupo Fação Central, também de origem paulistana e de um bairro da periferia da cidade de São Paulo, chamado Grajaú. O grupo é reconhecido por assumir uma postura de protesto contra todo o sistema de opressão dos marginalizados e as formas de governar estadocêntricas, denunciando políticas eliminacionistas e as desigualdades ainda existentes. Diante disso, surgiu o interesse de unir um desejo antigo de valorizar a cultura e a musicalidade do Rap mostrando seu lado socializador, com o de retribuir ao qual tanto me ensinou e continua ensinando. Dar esse retorno significa compreender que o Rap contribuiu em muito para minha construção de identidade social e consciência política. Enxergá-lo como uma forma de tomada de consciência e engajamento por parte da juventude é o que mais motiva este trabalho.

Desta forma, procuro identificar quais contribuições o Rap oferece para a formação de consciência política no jovem da periferia, encontrando elementos que se vinculam com

as concepções a respeito da consciência política. Contribui para se tornar um sujeito ativo em seu espaço, construtor de si próprio e da sua realidade. Ao reivindicar seus direitos, ao denunciar a falta de políticas públicas, quando reclamam seu espaço como juventude ativa, quando exercem sua cidadania, demonstram que rap contribui em muito para uma formação de consciência política.

O presente trabalho buscou compreender a dinâmica da construção da música Rap como uma forma de conscientização política da juventude, com um recorte para o jovem da periferia. A proposta foi apresentar os principais conteúdos que relacionam a música Rap, com a concepção de consciência política, entendendo que o Rap é uma forma de expressão da cultura popular, ligado à cultura Hip-Hop, que é uma forte marca de identidade juvenil.

O trabalho explorou as dimensões do processo e construção da música Rap, procurando compreender as principais abordagens temáticas para formação de determinada consciência política. O processo de analisar o material das letras das músicas trouxe para o trabalho uma maior compreensão do sentido em que a mensagem é transmitida. Dentro das composições se constata a predominância de uma narrativa contundente, forte em expressões de denúncia, que estão voltadas para questões de problemas sociais no Brasil, como desigualdades sociais, racismo, segregação social e política.

Procurou perceber de que forma o jovem da periferia entende esse espaço e o papel do Rap como um mecanismo de aprendizagem de educação política não formal. Sendo que por vezes é negado uma educação com qualidade crítica, em que o jovem possa ter capacidade de reflexão de uma determinada realidade.

Teve-se o igual interesse em verificar como os jovens ligados ao movimento hip-hop compreendem questões da política contemporânea. Na música Rap como são encontrados esses elementos que dizem respeito à assuntos da atualidade, tanto em nível nacional como à nível local.

A abordagem metodológica utilizada foi qualitativa e o seu desdobramento se deu pela análise de conteúdo da música Rap produzida pelo Coletivo da Quebrada. Sendo um estudo qualitativo com base em material coletado das composições musicais, material teórico já desenvolvido pela academia, referenciais teóricos que tratam da cultural hip-hop, das concepções de juventude no Brasil e a relação desses temas com o objeto de trabalho. Essa análise textual contribuiu fortemente para o desenvolver da proposta, sendo também em momentos utilizados letras de músicas do Rap nacional que dialogam com o tema. Ainda para a realização da análise desta compreensão, foi utilizada a entrevista com membros do grupo de Rap cruz-almense Coletivo da Quebrada, através de entrevista

semiestruturada, deixando liberdade de relato para os jovens, no intuito de identificar questões em suas falas que estão de, alguma forma, relacionadas à concepção de consciência política.

Para se chegar no objetivo deste trabalho, foram selecionadas cinco músicas do grupo Coletivo da Quebrada, entre as quais se relacionam com a perspectiva da reivindicação e participação política tão encontradas nas letras de Rap. Desta forma, foram utilizados quatro operadores analíticos que causam aproximação do tema ao curso de Gestão Pública são: Juventude, Direitos, Cidadania e Políticas Públicas. Importante ressaltar que nos interessa saber como essas concepções são expressadas pelos jovens da periferia de Cruz das Almas, não sendo finalidade determinar conceitos previamente definidos na literatura, embora oferecerem suporte para esta análise. Esses operadores analíticos serviram como direcionamento para extrair a concepção de consciência política para os jovens periféricos, ligados ao Rap.

No primeiro capítulo o leitor irá se deparar com a descrição do contexto histórico em que surgiu a cultura Hip-Hop, e conseqüentemente o Rap. Na década de 60 a 70, em um momento do pós-guerra e grande agitação política nos Estados Unidos da América, nas lutas contra a segregação racial, que eram travadas nas ruas de *Nova York*, a população negra e periférica do bairro do *Bronx* começa a se organizar para protestar e lutar pelos seus direitos desta vez em torno da música, da dança, da arte visual e da produção sonora, juntando elementos e ritmos de outros países como da Jamaica, surgiram o Rap, o *Break*, o Grafite e o DJ, que são os quatro elementos da cultura Hip-Hop, podendo ser entendido também a conscientização como o quinto elemento. Após seu surgimento, o Rap chega ao Brasil entre os anos de 1982 a 1984, sendo fortemente difundido na região de São Paulo, enfrentando discriminações e protestando seu espaço junto à juventude da periferia.

Seguindo nesta linha, o segundo capítulo traz a discursão acerca da abordagem a respeito das concepções já construídas sobre as juventudes no Brasil. Compreendendo que as construções sobre este entendimento das juventudes, segundo Abramo (2005), supõe, encontram-se diante de quatro concepções, sendo primeiramente abordado o jovem como sujeito para o futuro, que tende a se tornar adulto, então o jovem estaria em uma fase de moratória, condicionado à preparação para o próximo estágio do ciclo vital. Após é trazido, a noção de juventude como etapa problemática, na qual o jovem é encarado como transgressor, causador de um certo “pânico moral”, o que acaba por reforçar uma imagem estigmatizante da juventude negra da periferia. A outra visão construída sobre os jovens, é o sujeito juvenil como um ator do desenvolvimento estratégico, que pode atuar de maneira a promover soluções para os novos desafios contemporâneos. A quarta concepção trazida,

são os jovens como sujeitos portadores de direitos, como uma categoria juvenil que se faz existente no presente, sendo esta abordagem da explorada por este trabalho. Em seguida é discutida a relevância que o Rap tem para a juventude periférica, por tratar de assuntos não tratados pela grande mídia, por ter um sentido de causar uma educação não formal, inserindo conteúdos de forma marginal, que conscientize, politize e engaje os jovens negros da periferia para se tornarem autores de si próprios.

No terceiro capítulo é realizada a discussão sobre o *corpus* empírico deste trabalho, uma descrição sobre o grupo de rap Coletivo da Quebrada, sua organização e suas ações no município de Cruz das Almas. Dentro dessa passagem é demonstrado, por entrevista de dois componentes do grupo, como compreendem questões ligadas a política. Em última análise são acionadas as composições musicais dos integrantes do Coletivo da Quebrada, previamente escolhidas por conter pontos de grande importância para a investigação, cruciais para a análise com os operadores analíticos de juventude, direitos, cidadania e políticas públicas.

O Rap como instrumento formador de consciência política se manifesta nas categorias juvenis, devido à forma com que trata as problemáticas sociais, por possuir um discurso contundente, forte em expressão de denúncia e por gerar nesses jovens da periferia um protagonismo social e político. A identidade coletiva atua como um fator de grande importância na formação de uma consciência política. Quando se organizam para fazer o Rap, quando desenvolvem um pensamento coletivo, quando buscam conhecimento para introduzir nas letras das músicas, eles estão demonstrando que possuem o seu espaço na sociedade e que estão usando o Rap como instrumento para formarem sua consciência política

Capítulo. 1- Hip-Hop - expressão da cultura popular.

O processo da relação do indivíduo na sociedade é marcado por uma diversidade de comportamentos. Esses comportamentos traduzem aquilo que o indivíduo é, ou aspira a ser. Possuindo relações que proporcionam a percepção do indivíduo como agente ativo perante a sociedade, SILVA (2009, p.16) descreve: “Ele é capaz de construir, transformar e atribuir significados distintos às suas realizações e desta forma ele ultrapassa a condição humana de “ser pensante” e na interação com o meio em que torna-se um “ser cultural”.” Desta forma pode ser entendido que a cultura está relacionada às capacidades do homem em construir saberes e em mesmo sentido socializá-los com os demais indivíduos, dando significados a esses saberes, sendo transmitido para se tornar parte da herança cultural.

A herança cultural de um povo está no conjunto de princípios que são transmitidos, através do processo de socialização entre os indivíduos, e que são próprios da identidade de um povo que de um modo dinâmico vai sendo criada por uma relação de diferentes elementos, assim como a cultura popular.

Entende-se aqui cultura popular como uma forma de expressão de um povo de determinada região ou país, que abarca diversos costumes, práticas e tradições, que se manifestam através da música, dança e representações artísticas. A cultura popular é caracterizada por ser originária de populações com um menor poder aquisitivo e maior proximidade regional.

Analisando o cenário brasileiro, conforme SILVA (2009), a relação da cultura popular tem sido por muito tempo, alvo de limitações e inferiorizações. A autora relata que há uma grande desvalorização da cultura popular, um não reconhecimento por parte da sociedade dominante. Esse pensamento é decorrente de uma crença eurocêntrica, que valoriza a cultura produzida nos espaços hegemônicos em detrimento de uma valorização da cultura popular.

No Brasil, por sua imensa extensão territorial, dificilmente se generaliza as formas de um local com o outro, existem diversas formas de expressões da cultura popular, uma dessas é a cultura hip-hop.

A cultura hip-hop teve seu surgimento em torno de um cenário de instabilidade nos Estados Unidos da América (EUA) dos anos de 60 e 70, durante o período da Guerra Fria. A agitação política, que estava inserida nessa época, criava um sentimento de

descontentamento popular com a ordem posta. Somava-se a isso a questão da segregação racial e as desigualdades sociais que eram gritantes em todo o país. Nesse período, em alguns locais dos EUA, mais especificamente nos Estados do Sul, vigoravam as leis de *Jim Crow*, que institucionalizavam a segregação racial contra afro-americanos, nos casos mais notórios, exigiam instalações separadas para brancos e para negros em espaços públicos, como em escolas públicas, trens, ônibus, bebedouros e outros.

Os anos de 1960 para os negros nos EUA foram marcados por conflitos urbanos, choques com a polícia, confrontos com a população branca do país, que não aceitavam a resistência negra frente à segregação imposta. Os choques com a polícia aconteciam muitas vezes com homens e mulheres negros sendo reprimidos por jato d'água, bala de borracha, cachorros policiais e bombas de efeito moral.

A população que se encontrava nos bolsões da pobreza ficava alocada nos chamados guetos (periferias), sobrevivendo com subempregos mal remunerados, baixos níveis de escolaridade, tendo grande número de jovens desocupados, tanto por conta da falta de atração das escolas, como pela ausência de espaços adequados de lazer dentro da periferia, onde praticamente a única alternativa de lazer eram as festas de rua.

No mesmo período, os EUA travaram guerra contra o Vietnã Norte Comunista, o que ficou conhecido como Guerra do Vietnã, enviando milhares de jovens para os campos de batalha.

Combatentes na sua maioria negros e latinos pobres que, quando retornavam vinham mutilados, dependentes químicos, traumatizados pela violência que presenciaram e com forte estigma diante das atrocidades que eram divulgadas pela imprensa americana. Destarte, além de sua condição de vida, latinos pobres e negros, passaram a ser discriminados pela sua passagem pela guerra, o que inviabilizava, ainda mais sua reintegração e aumentava sua marginalização (PONCIO, 2014, p.23).

Os jovens negros que entravam em combate enfrentavam os tormentos da guerra, tendo ainda a soma de um prejuízo moral no prosseguimento de suas vidas. O que acabava por reforçar um preconceito já existente, em que o homem negro tendo sua imagem associada à violência se torna um criminoso em potencial. Esse estereótipo já vinha sendo construído anos antes, quando em 1915 *D. W. Griffith* produziu o filme "*The Birth of a Nation*", que em português significa "O nascimento de uma nação", no qual retratava homens negros, (interpretados por atores brancos com os rostos pintados de preto, *blackface*) envolvidos no contexto da Guerra de Sucessão, como selvagens, ininteligentes, com traços de agressividade sexual. Além do filme ser bastante criticado por fazer louvor as práticas da *Kun Klux Klan*, e por ter conteúdo de teor racista.

É nesse momento que começa o ápice da propagação das drogas nas grandes cidades. Os entorpecentes haviam sido bastante utilizados pelos soldados norte-americanos durante a Guerra do Vietnã. A utilização das drogas, principalmente da heroína, permaneceu durante o período do pós-guerra, afetando sobreviventes do confronto e jovens negros moradores das áreas periféricas da cidade de *Nova York*.

Pareando a esses acontecimentos, surgem ideias cada vez mais firmes de combate à segregação racial e de luta por direitos civis. Líderes como Malcom X e Martin Luther King, discursavam para multidões negras reivindicando o direito de maior participação política e pelo espaço do homem negro na sociedade. Mesmo tendo posições e ações diferentes, os dois líderes convergiam na necessidade de se alcançar melhorias para a população afro-americana.

Na linha desse pensamento, em defesa do povo negro e aliado à luta contra a segregação racial, surgem os *Black Panthers* (Panteras Negras) e o *Black Power* (Poder Negro). O partido político *Black Panthers* possuía propostas mais radicais de enfrentamento à segregação. Dentro do seu programa político chegaram a aderir algumas ideias contidas no Livro Vermelho, do líder comunista chinês Mao Tsé-Tung. O partido ainda adotava, como forma de ação, o armamento das comunidades negras. Esse posicionamento fora consequência dos frequentes atos de violência policial no qual eram, rotineiramente, submetidos (PINTO, 2017).

[...] a ação inicial do grupo era contra uma das principais instituições repressivas do Estado: a polícia. Inúmeros foram os casos de confrontos armados entre os Panteras Negras e as forças policiais, resultando em mortes tanto entre os militantes quanto de policiais (PINTO, 2017).

Os *Black Panthers* exerciam uma grande influência na vida dos jovens negros, passando a necessidade de obterem conhecimentos em determinadas áreas, à exemplo as leis jurídicas, também em se manterem dedicados aos estudos e se agruparem de forma organizada (PONCIO, 2014).

Nos anos 70, quase todos os escritórios dos *Black Panthers* já haviam sido fechados pela polícia, muitos através da bala. Grande número de militantes foram assassinados ou encarcerados durante anos. A repressão foi tão intensa, que o partido foi ficando cada vez mais enfraquecido, até que chegou a se extinguir. Porém, deixou um legado de reflexão e de ideias que se tornaram logo após modelos para a nova organização dos negros, no movimento hip-hop (SILVA; COUTINHO, 2008).

Muitas inovações culturais surgiram durante o período de agitação política. Uma delas foi a aparição do *Soul* que, com as canções de James Brown, inspiravam a população

dos guetos norte-americanos, tocando na valorização do orgulho negro e protestando contra a discriminação. Uma das suas músicas mais conhecidas, *I'm black and I'm proud*, que continha em sua letra uma frase de Steve Biko, ativista sul-africano no período do *Apartheid*, na qual a frase dizia: “*Say it loud: I'm black and proud!*” (Diga alto: eu sou preto e orgulhoso!). (SILVA; COUTINHO, 2008, p.214 *tradução nossa*). No mesmo período surge o *Funk*, como mais uma ferramenta crítica para a população negra estadunidense, marcado por suas batidas poderosas que soavam agressivas aos brancos, servia de base para muitas músicas que possuíam também em suas letras a valorização da cultura negra.

Tudo que os negros passavam era expresso nas músicas. Depois de toda a agitação política, as lutas que visavam conscientizar a população, o povo negro estava mais consciente socialmente, e cada vez mais se cantava ideias de mudança de atitude, valorização da cultura negra e resistência aos opressores (PIMENTEL, 1997 apud PONCIO, 2014, p. 23).

O *Soul* e o *Funk* formaram a base que consolidou o surgimento do *RAP*, que tornara um dos elementos do movimento hip-hop. A junção dos dois ritmos trouxe para os guetos negros um novo aperfeiçoamento musical.

Em meados dos anos 70, alguns artistas da *black music*, como os *Watts Prophets*, Gil Scott-Heron (autor da famosa canção “A revolução não será televisionada”) recitavam poemas sobre as bases também do *Jazz*. Recuperavam então a tradição poética africana dos *griots*, contadores de histórias, de transmitir de forma oral as memórias de suas tribos através de versos, sendo passados entre gerações. Desta maneira, esses artistas buscavam manter a luta política ainda ativa, passando mensagens de informação e valorização da cultura negra.

Enquanto ocorria o sucesso do *Soul* e do *Funk* nas ruas do *Bronx*, nos guetos negros já aparecia a nova tendência da *black music*. O *Disk Jockey* (DJ) Kool Herc levou da Jamaica para o distrito do *Bronx* as técnicas dos conhecidos *Sound Systems* da capital *Kingston*. Em seu país, Kool Herc costumava fazer versos improvisados e recitar à base de *Reggae* remixados e assim transportar mensagens de conteúdo espiritual e político para os jamaicanos, que conheciam esse estilo musical como *Dub*. Porém, em *Nova York* se curti outro ritmo. E tão logo, Herc teve que se adaptar ao estilo local, fazendo seus versos e rimas sobre as bases de músicas conhecidas do *Soul* e do *Funk*.

Dessa forma, nascia nas festas de rua do *Bronx*, o Rap (*Rhythm and Poetry*), em português Ritmo e Poesia, com os versos improvisados e com rimas simples, emendadas com gírias e ditados populares. Sendo que no início as músicas tinham apenas o intuito de passar mensagens positivas para o público, ainda não possuíam tanto conteúdo crítico. Como a maioria dos participantes das festas eram conhecidos do bairro, ficavam entre

mensagens e recados. Dessa prática, Herc fazia improvisos que aproveitava para recitar, o que fez surgir o famoso *freestyle*.

Com o surgimento do MC (Mestre de Cerimônia), o *freestyle* ficou ainda mais conhecido naquela época, pois causava divertimento no público pela forma que as rimas eram elaboradas.

No *freestyle*, o DJ coloca a base e o MC rima de improviso, sem refrão e por quanto tempo conseguir. Na batalha de rima, dois MC's vão rimando de forma alternada; em alguns casos, repetem um refrão que serve de mote ao desafio, algo como no samba de partido alto (SILVA; COUTINHO, 2008, p.215).

Posteriormente, o DJ Koll Herc passou a se empenhar mais aos seus equipamentos sonoros, dando início a aplicação das técnicas nas mesas de som, conhecidas como *Pick-up*. Passa assim a convidar dois amigos MC's para dividirem o espaço cantando o *MCing*, que ficou conhecido como o primeiro nome do rap na história. Formaram o *The Herculooids*. Também nessa época, ficou famoso *Grandmaster Flash*, discípulo do DJ Herc, que inventara a arte do *Scratch*, e também convidava MC's para participarem do baile com seus improvisos.

Em virtude da união entre o DJ e o MC, surgiram como elementos dissemelhantes, que ascenderam e evoluíram até chegar a formação do Rap, que é o componente musical do movimento Hip-Hop. Em 1978, o DJ Afrika Bambaataa, considerado padrinho do Hip-Hop, cria o termo Hip (saltar) e Hop (movimentar os quadris), que condiziam com o contexto de festas de bairro e a ascensão da cultura no local (PONCIO, 2014).

Em face do grande sucesso que fazia James Brown nas pistas de dança, muitos jovens negros o tinham como inspiração para reproduzir seus passos nos bailes. A influência do *Soul* e do *Funk* também movia esses jovens a executarem passos de maneira inovadora, que representavam golpes praticados nas lutas de *Bruce Lee* (bastante popular naquela época), e movimentos que se igualavam aos de um robô. Surgia então o *Break*, com uma mistura de elementos em forma de coreografia. O *break* nasce também como uma alternativa de protesto contra a Guerra do Vietnã e mortes de negros que eram intimados à participarem dela. Os *B-Boys* (*breaking boy*) realizavam movimentos representando os soldados feridos, assim como de outros elementos que estavam inseridos no contexto da guerra, à exemplo do helicóptero, item extremamente utilizado nas batalhas que ocorreriam em território vietnamita.

[...] faziam uma espécie de protesto contra a Guerra do Vietnã por meio dos passos de dança que simulavam os movimentos dos feridos de guerra. Cada movimento do break possui como base o reflexo do corpo debilitado dos soldados norte-americanos, ou então a lembrança de [algo relacionado

à guerra]. (...) O giro de cabeça, em que o indivíduo fica com a cabeça no chão e, com os pés para cima, procura circular todo o corpo, simboliza os helicópteros agindo durante a guerra (ROCHA, 2001 apud, SILVA; COUTINHO, 2008, p.216).

A dança servia como uma alternativa para os jovens ficarem mais distantes da criminalidade. Dado que os b-boys pertenciam a *Crews* (ganguês) que disputavam entre si, e a dança logo foi incorporada nessas competições, dando espaço para uma nova forma de duelar, substituindo violência e armas por passos de dança.

Finalmente, aliado aos outros elementos da cultura Hip-Hop, surge o hábito de desenhar em paredes, muros, estações de metrô e demais espaços urbanos, na maioria das vezes paredes e muros de edifícios públicos. Essa arte de usar tinta *spray* para projetar desenhos e escritas nas áreas urbanas é chamada de grafite. Em meados dos anos 60, os jovens das *crews* passaram a fazer suas *tags* (assinaturas), uma forma de demarcar território, com letras garrafais e quebradas para dificultar o entendimento de quem não fosse morador do local. Com o tempo, os grafiteiros foram fazendo desenhos que retratavam a realidade local em que estavam inseridos, transmitiam mensagens positivas através de frases, outras frases mais críticas que falavam sobre as desigualdades sociais. Dessa maneira, eles demonstravam a sua arte através das pinturas expostas aos transeuntes. Os grafites logo foram tomando outras áreas das cidades, exteriorizando as ideias para os bairros centrais.

Nos EUA, o grafite significou a invasão das áreas nobres das grandes cidades por aqueles que viviam segregados nos guetos e subúrbios pobres, que deixavam os sinais visíveis de sua existência através dos muros e paredes pintadas; o grafite foi uma espécie de invasão simbólica de negros e porto-riquenhos (PIMENTEL, 1997 apud PONCIO, 2014, p. 25).

Por todos esses aspectos de similaridade da cultura de rua, entre os quatro elementos, não tardou para que houvesse integração entre eles. *Rappers*, *DJs*, *breakers* e grafiteiros começaram a promover eventos juntos, com apresentação de cada segmento nas festividades.

Os eventos produzidos pelo DJ Afrika Bambaataa, do *Bronx*, ficaram bastante conhecidos e tomaram destaque. Desse momento então, o termo Hip-Hop passou a ser utilizado com frequência, dando nome ao movimento que surgira da junção de elementos de manifestação cultural.

Com o passar do tempo, e com as divulgações das festas, os jovens dos grupos de Hip-Hop passaram a se organizarem em associações comunitárias e formarem as primeiras nações, cujos principais objetivos eram transmitir valores culturais para os jovens pertencentes à periferia, como também, o objetivo de estruturar o movimento para se

fortalecerem. Dessa maneira, a gênese e o apogeu da cultura e do movimento Hip-Hop se dão nos EUA, no *Bronx* do final do século XX, logo após sendo disseminada para diversos cantos do mundo, e assim chegando ao Brasil.

1.1 - Hip-Hop no Brasil: a trilha sonora da favela.

Hey Rap há quanto tempo a gente se mantém/ Fiel no front independente
do que vem/ Eu vejo um monte se perder por notas de cem/ Nós não, sabe
irmão, a missão é bem mais/ Hip-Hop há quanto tempo a gente se mantém/
Abrindo a mente fazendo a favela ir além[...]

[Emicida, 2009]

No Brasil, o movimento chega por volta dos anos 80, entre 1982 e 1984. Surge inicialmente na cidade de São Paulo, na área da estação de metrô São Bento, centro da cidade. Nesse momento, ainda não se conhecia muito sobre o hip-hop, no país, esse se resumia aos passos dos *B-boys* que dançavam o *break* ao som de músicas internacionais, à exemplo disso foram os movimentos coreografados do *B-boy* Nelson Triunfo, que foi um dos brasileiros pioneiros na arte do *break*.

Advento a isso, começava a aparecer a figura dos *rappers*, que fazia um canto improvisado para acompanhar os passos dos *b-boys*. Como não compreendiam as músicas internacionais, resolveram improvisar o Rap, fazendo *freestyle*, o que ficou conhecido inicialmente como “tagarela”. Uma vez que não possuíam equipamentos sonoros, eles se adaptavam ao que pudesse produzir som semelhante com os das bases e batidas. Então, com latas, palmas das mãos ou com o *Beat Box* (sons feitos com a boca que imita os de aparelhos sonoros eletrônicos), eles faziam o que seria o primeiro estilo de Rap brasileiro.

Os primeiros shows de Rap foram exibidos no Teatro Mambembe, São Paulo, pelo *DJ Theo Werneck*. Nessa época, a maior parte da sociedade brasileira não suportava o Rap, de forma geral, as pessoas consideravam o gênero musical como algo violento, e fazendo grande estigma quanto ao estilo ser oriundo da periferia. Dessa maneira, não demorou muito para que os *rappers* fossem constantemente reprimidos pela ação policial, que julgava os encontros dos jovens como formação de quadrilha, reunião de facção ou grupo de baderna e desordem.

A propagação do Rap pelas demais regiões do Brasil se encaminhou de maneira sutil, completamente fora da orbita da grande mídia, devido principalmente a dois fatores que contribuíram para essa disseminação. Um deles foram os avanços tecnológicos, que ficaram menos distantes e mais populares, então foi possível utilizar já equipamentos de

som. O “tagarela” já não mais batia lata, se rodeava agora com *mic* (microfone), *pick-up*, computador para o processo de produção das músicas; fazendo *sampler* e mixagem com samba (SILVA; COUTINHO, 2008). Outro fator que condicionou essa expansão do Rap foram as rádios comunitárias. Nesse fim dos anos 80, elas faziam do Rap a trilha sonora das favelas, com uma programação cultural voltada para a transmissão de informação para a comunidade. Dentre estas, destacou-se a rádio mineira Favela FM, da comunidade Nossa Senhora de Fátima, de Belo Horizonte. No início utilizava de frequência clandestina para operar, logo após passou a se tornar a primeira rádio comunitária do Brasil com outorga (permissão para funcionamento), pois ainda não existia o conceito de rádio livre. Era a vontade de todo *rapper* ter seu trabalho apresentado ao público pela Favela FM, o que servia como uma forma de driblar a falta de espaços nos meios de comunicação, e de ter um microfone aberto para se representar (REDERAP, 2015).

Em virtude do crescimento das rádios comunitárias, o Rap foi ficando cada vez mais visível na década de 90. Então passou a receber mais atenção da indústria fonográfica. Os primeiros *rappers* a fazerem sucesso foram Thayde e DJ Hum, com dois sucessos na coletânea “Hip-Hop Cultura de Rua”. Logo após começaram a surgir outros artistas no cenário do Rap nacional, como Racionais MCs com o disco “Holocausto Urbano”, o grupo Fação Central, Detentos do Rap, Planet Hemp, Xis & Dentinho, Câmbio Negro e Gabriel O Pensador.

O Rap brasileiro conseguiu ainda mais notoriedade no fim dos anos 90, com o sucesso do disco “Sobrevivendo no Inferno”, do grupo Racionais MCs, com selo independente, gravado pela *Cosa Nostra* (gravadora própria) em 1997. Com o sucesso o grupo passou a participar de inúmeros eventos sociais, ganhando reconhecimento pelo trabalho desenvolvido e papel de conscientização na vida dos jovens.

No País, o Rap tem uma característica própria de mistura de ritmos, aqui ele se aliou um pouco com o samba e “embolada”, uma forma de unir tradições populares brasileiras. Na forma de cantar, surgiu bastante parecido com o repente, muito devido ao fato de serem canto falado, e pertencer a antepassados comuns, os *Griots*.

Ainda convém lembrar outra característica do Rap brasileiro, a ligação que possui com movimentos sociais. Além de já ser inserido no Movimento Hip-Hop Organizado (MH2O), o Rap se inclina também em outros segmentos de minoria, como Movimento Negro Unificado (MNU), Movimento Sem Terra (MST), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. É bastante comum em composições de Rap possuir referências às bandeiras de lutas desses movimentos.

Dessa forma, o Hip-Hop, que surgiu nos EUA nos anos 70, desembarcou no Brasil no início dos anos 80, adquiriu espaço e formas de expressão próprias, demonstrando que é um movimento híbrido em sua formação, uma mixagem cultural de cada local. Pois, como advoga Messias (2015), a cultura Hip-Hop faz parte de uma afirmativa da experiência humana com vários aspectos de cada local, ainda inacabada, em que haverá novas “importações” para caracterizá-lo como processo histórico. “Portanto, importação, fusão, hibridismo são leis eternas da cultura, são a essência do hip-hop” (MESSIAS, 2015, p.35).

Capítulo. 2 - Juventude e o Rap.

Eu vejo na Tv o que eles falam sobre o jovem não é sério,
O jovem no Brasil nunca é levado a sério.

(Não é sério- Charlie Brown Jr)

As abordagens metodológicas sobre a juventude perpassam por diversos pontos de vista em relação à construção social do indivíduo e sua subjetividade. A partir dos anos 90, as juventudes brasileiras dos centros urbanos começaram a ganhar espaço na agenda política através de políticas públicas destinadas a esse grupo.

Devido ao grande protagonismo promovido pela juventude brasileira durante as décadas de 80 e 90, ficou evidenciado uma maior necessidade de perceber seu espaço no cenário nacional. Em grande parte, devido ao processo de democratização ocorrido durante essas décadas na América Latina, sendo exemplos no Brasil os eventos de manifestação das Diretas Já, “caras-pintadas”, entre outros modos de atuação da juventude. Durante esse período, a participação social dos jovens ficou mais ativa no contexto político, trazendo definições importantes para o debate de como pensar a juventude.

Algumas das definições que vinham sendo trabalhadas, emergiram de pensamentos que não levavam em conta diversos aspectos importantes (ambiente de vivência, cotidianidade, questões familiares, realidade socioeconômica) para o desenvolvimento da temática, condicionados, muitas vezes, por uma abordagem da sociologia funcionalista que tratava a questão da juventude como, apenas, uma fase preparatória para chegada à vida adulta. Há, portanto, o entendimento de que essas definições estão vinculadas, de algum modo, à dimensão de uma fase do ciclo fundamental, que vai do fim da infância ao início da maturidade.

Para León (2005), os métodos usados de forma qualitativa, com foco nas individualidades dos sujeitos, nas suas cotidianidades, contribuem para tornar mais ampla a concepção da condição juvenil. Entendendo, portanto, que o desenvolvimento de um conceito de juventude deve partir de aspectos mais intrínsecos dos indivíduos, considerando as suas subjetividades, que se igualam em determinados momentos, e em outros divergem.

Algumas definições sobre juventude se apegam à busca por uma faixa etária ideal para representar essa categoria social. As Nações Unidas definem “juventude” como

àqueles que possuem idade entre 15 à 24 anos, porém essa noção mostra-se um pouco rasa e paupérrima para o debate. Mesmo o Estatuto da Juventude sendo mais abrangente nesta categorização, considerando a faixa etária de 15 a 29 anos como jovens, não se mostra, ainda, suficiente para afirmar tal acepção.

A noção mais geral e usual do termo juventude, se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas (ABRAMO, 1994 apud LEÓN, 2005, p. 13).

As diferenças de significação etária entre jovens de ambientes sociais distintos, a exemplo do jovem rural e o jovem urbano, se colocam como empecilho para o estabelecimento de uma idade universal, por ser notável que determinados ambientes favorecem um desenvolvimento mais veloz na questão das relações sociais. Essas variáveis tornam as abordagens de faixa etária úteis, unicamente para referenciais demográficos e construção de políticas públicas.

Ainda podemos encontrar em Abramo (2005) quatro tipos de abordagens sobre o tema. A primeira retrata o jovem como condicionado a se tornar adulto, então nessa fase ele não é capaz de deliberar por si só, pois ele apenas aspira a alcançar a fase adulta. Nesta abordagem, é chamada muito a atenção sobre o papel da educação para esta etapa, pois, é o período considerado como de preparação para o próximo estágio do ciclo vital. Porém, existem críticas pertinentes em relação a essa tal formação, pois, geralmente, está associada a uma lógica de preparo apenas para o trabalho. Abramo (2005, p.20) faz mais uma crítica, “Outra limitação deste enfoque é que ele não visualiza os jovens como sujeitos sociais do presente, pois o futuro cumpre a função de eixo ordenador de sua preparação”. Deixa desta forma a condição juvenil à mercê de uma atuação posterior.

Uma outra abordagem é a visão da juventude como etapa problemática, como uma fase geradora de “pânico moral”. Nesta perspectiva, o jovem é visto como um possível transgressor das ordens preestabelecidas.

É nesse sentido que a juventude só está presente para o pensamento e para a ação social como ‘problema’, como objeto de falha, disfunção ou anomia no processo de integração social; numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco para a própria continuidade social (ABRAMO, 1997 apud KERBAUY, 2005, p. 195).

A questão que levanta crítica a essa abordagem é que ela acaba por reforçar uma visão estigmatizada sobre a juventude urbana, geralmente periférica, ao pensar o sujeito juvenil como atuante em um processo de falhas, que envolvem a criminalidade, gravidez

precoce, uso de drogas ilícitas etc. que acaba rotulando esse sujeito e ocasionando equívocos na compreensão da noção de juventude.

Um outro entendimento sobre o sujeito juvenil é pensá-lo como um ator estratégico para o desenvolvimento. Essa visão está associada à criação de capital humano e social, como alternativa na resolução de desafios contemporâneos, que estão ligados às exclusões sociais desses jovens, como também, aos desafios das novas mudanças e exigências para o desenvolvimento.

Esta concepção avança no reconhecimento dos jovens como atores dinâmicos da sociedade e com potencialidades para responder aos desafios colocados pelas inovações tecnológicas e transformações produtivas (ABRAMO, 2005, p.21).

Porém, ainda à esta concepção é cabível críticas quanto ao modelo de participação dos jovens. Considerando que a carga de responsabilidade que é atribuída a eles, uma vez que aparecem como solução para os novos desafios, podendo correr o risco de se tornarem alvos de interesses políticos apenas na condição da sua colaboração, em detrimento de atendimento das suas demandas como categoria, que pode não ter uma participação tão efetiva.

Há, então, a abordagem da juventude como uma categoria social possuidora de direitos, na qual ela não somente aspira a ser algo construído, como na primeira abordagem citada, mas já se faz presente no agora e precisa reafirmar cada vez mais essa posição. Na construção desta abordagem, refletem as novas configurações das juventudes, demonstrando sua evidente existência no presente, não apenas sendo uma fase de transição de um ciclo de vida. O que se busca compreender nesta descrição de juventude é, o caráter de desenvolvimento dessa questão, em que o sujeito juvenil permanece em evolução.

É notório, a coexistência desses quatro tipos de abordagens, prevalecendo em vezes uma noção sobre a outra, porém todas desempenhando um papel na tentativa de conjecturar uma noção sobre juventude na sociedade brasileira.

Diversos atores desempenharam a função de polarizar o debate sobre a juventude brasileira, como foi o caso da importância à ela dada pelos movimentos sociais, ONGs, fundações empresariais, partidos políticos etc. No entanto, nenhum destes atores pautou a questão das especificidades da juventude, demonstrando possui maior foco em questões relacionadas com a educação (ABRAMO, 2005).

Coube então aos próprios jovens ascenderem questões mais singulares sobre si, evidenciando a juventude através dos diversos grupos juvenis que surgiam, particularmente

dos setores populares, e que buscaram por meio da atuação no plano cultural colocar em cheque pontos que ainda não eram tratados pelos atores políticos e sociais, até então (ABRAMO, 2005).

[...] além do desemprego e da dificuldade de estruturar perspectivas positivas de vida, a necessidade de lidar com novas formas de exclusão material e simbólica, com a violência cotidiana e sempre tão próxima; as possibilidades de circular pelo espaço urbano e conquistar espaços para vivenciar formas próprias de diversão e expressão; a importância de construir identidades pessoais e coletivas no cruzamento da homogeneização e fragmentação reinantes; a busca de desenvolver uma ética pessoal frente aos novos imperativos de sucesso e prazer, com os desafios de poder viver experimentações e situações de prazer preservando sua integridade física e mental (ABRAMO, 2005, p. 27).

Desta forma, surgem então os novos desenhos da condição juvenil, um pouco mais distante das demandas elaboradas nas linguagens políticas e dos direitos. A ampliação da visibilidade e diversidade das juventudes contribuíram para o entendimento de uma cultura juvenil, como também “[...]a constatação de que os jovens dos setores populares não podiam ser percebidos apenas através da chave do risco, do desvio e da criminalidade, como registros negativos de uma condição juvenil” (ABRAMO, 2005, p. 27).

Entendendo as novas necessidades de se criar espaços para poder vivenciar esta etapa da vida, construindo experiências positivas, que surgem estes novos contornos da condição juvenil. Uma busca dos jovens das periferias por protagonizar suas experiências de maneira a criar resistência a cultura hegemônica.

Aliados a esse pensamento da nova expressão juvenil, que grupos culturais dão voz às demandas da juventude periférica e marginalizada socialmente. Fazendo parte dessa cultura juvenil, o Hip-Hop buscou dentre suas formas de atuação (rap, grafite, DJ e o break) fazer com que essa categoria social fosse percebida no cenário nacional.

O rap muito contribuiu para que essas reivindicações fossem ouvidas por diversos jovens negros e pobres que possuíam situação semelhante, causando um processo de identificação com as aspirações juvenis.

O rap é apontado em várias pesquisas como o gênero musical mais ouvido em todo o mundo (segundo o “mapa-mundi musical” do Spotify), mesmo o estilo sendo por muito tempo considerado não comercial pela indústria fonográfica. Mas, para além de música de entretenimento, o rap tem um papel socializador. Principalmente para as juventudes periféricas, em grande maioria negros e pobres, que constantemente têm sua imagem estigmatizada, sendo reforçado um preconceito grandioso já existente em parcelas da sociedade, de que o jovem da periferia é um potencial criminoso. Devido ao rap ter um caráter político, com uma narrativa contundente, forte em expressões de denúncia,

reivindicações, protesto social, e por tratar de assuntos voltados para as desigualdades sociais e preconceito racial, os jovens o tem como um veículo de comunicação.

Por esse motivo, o rap tem uma grande importância social para a juventude da periferia, por engajá-la na busca para melhor entender suas demandas, e construir uma compreensão sobre os fenômenos que a cerca.

2.1 Espaço de educação e formação de consciência.

O rap ocupa um importante espaço formativo, de educação e conscientização para as juventudes periféricas. Desde as últimas décadas, e a cada vez mais intensamente, o rap vem atribuindo aos jovens uma dimensão simbólica, na qual contrastam suas cotidianidades, vivências, atitudes e comportamentos.

Muito mais que um estilo musical, o rap possibilitou e vem possibilitando aos seus consumidores relações de comunicação, símbolos e práticas nos quais esses jovens criam seus próprios espaços, ressignificando ambientes e gerando uma experiência particular e coletiva da sua condição juvenil, além de permitir que elevem sua autoestima e que fortifiquem uma identidade positiva.

O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca (DAYRELL, 2002, p. 119).

Dentro do hip-hop os participantes, majoritariamente os jovens negros, tem uma abertura maior para se expressar, usar a criatividade e formar um conhecimento alternativo. Esse conhecimento, que é formado pelos jovens periféricos envolvidos nos seios do rap, os torna singulares nesse quesito e os aproxima de uma educação não formal.

As compreensões sobre educação não formal nos revelam que ela se caracteriza por não ser um aprendizado preso à sala de aula, com pré-requisitos para acesso ou sistemas de avaliação. Ao contrário da educação formal que é algo institucional, a educação não formal é identificada como aquela que pode ser encontrada nas diversas formas externas de aprendizagem, seja atuando em um movimento social ou buscando de forma voluntária obter determinado conhecimento (MESSIAS, 2015).

Podemos ir um pouco mais longe neste entendimento e dizer que o rap possui um modelo de educação não formal marginal, no qual transmite um conhecimento que não

chegaria até o jovem negro dentro da periferia, repassa informação que mediante outros meios não alcançaria os ouvidos daqueles que são marginalizados socialmente. Podemos ainda encontrar essa questão expressa na letra da música de rap “Substância Venenosa” de Eduardo Taddeo, rapper paulista ex-Facção Central.

O que eu canto ta explícito nos livros/Que custam 120 reais pela estratégica dos ricos/Quanto mais dígitos no preço da informação/ Menos revoltado mirando Uzi sobre a luz da razão/ Por isso atuo como um Pirata Somali no Hip hop/ Roubo dados sigilosos e injeto nos bairros pobres. (Eduardo Taddeo, 2014).

Então, para além dos muros escolares, a educação não formal marginal empreende uma prática instrutiva, na qual se tornou um instrumento de formação de consciência político-social. Ainda podemos dizer que este tipo de ensino marginal possui um caráter de liberdade de escolha para os consumidores do rap, no qual os jovens manifestam interesse de forma voluntária, nas mensagens que são transmitidas.

O processo educativo desencadeado pela ação do Rap influencia o jovem na busca de conhecimento, se tornando um autodidata no processo construtivo de consciência e protagonismo político.

A relação entre o Rap e a instrução para uma aprendizagem não formal se evidencia na análise de MAGRO (2002), por meio da qual a autora afirma que os jovens inseridos no mundo do rap podem ser descritos como protagonistas do próprio processo educativo, pois investem em autoconhecimento, utilizando-se de pesquisas bibliográficas, se organizam socialmente para debater sobre os problemas reais, politizando-se, e se tornando um jovem mais capacitado, com um protagonismo político fortificado, não sendo apenas um jovem sem participação nos espaços públicos.

O rap está inserido nas lutas de resistência e de protagonismo. Desde seu surgimento em meados da década de 70, nos EUA, vem fazendo enfrentamento a todo tipo de discriminação racial, segregação espacial, vem levantando bandeira nas causas de desigualdades sociais, buscando sempre colaborar de algum modo para o engajamento dos que estão envolvidos em meio ao movimento hip-hop.

Nas mensagens que são transmitidas nas letras de rap, se busca envolver acontecimentos, fatos e elementos que promovam uma conscientização política no seu público-alvo. Embora seja, por muitas vezes, tratado com um olhar preconceituoso, sendo considerado uma trilha sonora para o crime. Na realidade, o Rap busca retratar determinados temas de forma mais contundente, explanando uma realidade que não é

mostrada nos grandes veículos midiáticos, explicitando questões que fazem parte do cotidiano violento da periferia. Encontramos tal afirmação também nas palavras de Poncio:

O rap costuma explicar assuntos não abordados pelas grandes mídias, e a sua exclusão social, aumentado pela criminalização de suas letras, faz com que a sociedade veja com menosprezo seu conteúdo crítico, e associe suas produções à apologia ao crime (PONCIO, 2014, p.28).

Essa visão distorcida sobre o rap muito contribuiu para fortalecer um preconceito existente, também, na indústria fonográfica. A generalização e associação do estilo à criminalidade fez com que muitas gravadoras pusessem empecilhos para lançar os trabalhos produzidos pelos *rappers* brasileiros, ocorrendo por vezes a não abertura de espaço para a divulgação da cultura de rua.

Desta forma, o rap buscou e busca resistir contra este estigma, criando em grande parte das vezes uma autoprodução cultural. Formando coletivos, esses jovens atuam de forma a promover seus trabalhos, dando apoio aos que iniciam dentro do rap, transformando o que seria uma disputa por espaço, em base de apoio. Essa efervescência cultural, protagonizada pelas categorias juvenis, cria novos atores e novos espaços neste cenário, convertendo esses jovens em autores de si próprios e do ambiente em que fazem parte.

A ação de agir para o coletivo faz com que esses jovens da periferia se engajem nas causas de lutas por direitos sociais. Juntos, discutem sobre temas atuais, promovem atos públicos, elaboram projetos culturais, oficinas, etc. na medida em que criam consciência política agindo em prol de manter uma voz ativa.

A aparição dos jovens como próprios produtores culturais fortalece a ideia de autogestão, ou como é reconhecido e dito pelos *rappers* “nós por nós”. Essa alternativa de construir os espaços em que promovem os eventos assegura uma resistência à cultura hegemônica, ao mesmo tempo que firma o lugar desta cultura marginal.

A participação política é essencial para essa construção do jovem como um ser politicamente consciente. A ampliação da visão crítica nos jovens é fundamental para a inclusão de valores democráticos e para a participação política expressiva. Não é nenhum mistério que o grau de desigualdade e de problemas de um país está associado ao nível de educação e cultura de seu povo.

Por esse motivo o rap exerce uma grande importância social para a juventude, pois serve como uma alternativa de aprendizado, educação e formação de consciência, de participação no campo político-social, de resistência aos modos de ser jovem em meio aos tentáculos da cultura hegemônica. Ao formarem esses coletivos para se apoiarem, estão

dizendo para sociedade que eles permanecem aí, que fazem parte, que são a parte, que se mobilizam e que constroem o sujeito que eles querem ser para o futuro, e são o presente.

Capítulo. 3 - Coletivo da Quebrada.

A molecada lá da área como é que tá,
Provavelmente correndo pra lá e pra cá,
Jogando bola descalços nas ruas de terra,
É, brincam do jeito que dá.

Gritando palavrão é o jeito deles,
Eles não têm videogame e às vezes nem televisão,
Mas todos eles têm um dom São Cosme e São Damião,
A única proteção.

(Fim de semana no parque- Racionais MC's)

A socialização e formação de consciência política da juventude periférica, em Cruz das Almas, se destacam pela integração com o campo cultural, onde a cultura hip-hop compõe esse espaço. A dinâmica de articulação e protagonismo do hip-hop cruzalmense estão sedimentados de forma mais expressiva através da produção do rap, tendo a musicalidade como um dos recursos para despertar o interesse dos jovens das periferias a se organizarem socialmente, de participarem de forma coletiva nas ações sociais e no protagonismo político.

A cidade de Cruz das Almas está localizada no interior da Bahia, mais precisamente na região do Recôncavo Baiano, ficando à 146 km da capital Salvador, possuindo cerca de 64.932 habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE-2017). O município tem uma grande quantidade de bairros afastados do centro, assim como tantas outras cidades do Brasil, tendo ainda bairros com pouca infraestrutura e altos níveis de pobreza. O Loteamento Miradouro, vulgarmente conhecido como Areal, faz parte dessa realidade de descaso por parte do poder público, sendo o bairro com a pior infraestrutura do município, com saneamento básico precário, falta de atendimento de qualidade na área da saúde básica, escassez de equipamentos culturais, educacionais e opções de lazer, deixando a juventude periférica abandonada nessas áreas. A falta de investimentos onde se mais precisa faz com que essa população fique abandonada, essa ausência do Estado contribui para que outras organizações criminosas ocupem esse espaço, o que acaba aumentando a criminalidade, tornando uma das áreas mais violentas da cidade. É em meio a todo esse cenário que surge o grupo de jovens da periferia Coletivo da Quebrada.

O Coletivo da Quebrada é grupo um musical de Cruz das Almas que surgiu da união entre jovens que possuem os mesmos ideais, as mesmas semelhanças do cotidiano e o mesmo espírito de luta. Formado inicialmente por quatro jovens negros amantes da música

rap, sendo que três deles são moradores do Loteamento Miradouro, onde compõem suas letras retratando a vida dificultosa deles e dos demais moradores do local. O grupo surgiu com o intuito principal de criar espaços alternativos para os jovens e crianças da comunidade, conscientizar sobre o direito de viver sua juventude e reivindicar seu papel político.

O Coletivo da Quebrada conta com o apoio de alguns admiradores e “irmãos” que fazem parte da “família”, mas a sua estrutura é formada pelos 4 jovens que serão descritos abaixo.

Felipe Gomes, vulgo (Felipe CDA), é um jovem cruz-almense de 25 anos, negro, que reforça sua negritude em seu cabelo *Black Power*. Felipe CDA é até então o único integrante com ensino superior, formado em logística e que no momento deste estudo fazia a sua segunda graduação, sendo agora em Serviço Social em uma universidade federal. Ele afirma ter conhecido o rap ainda criança, quando “menor” que ouvia as músicas de grandes grupos do cenário nacional.

No meu caso, era bem novo, bem novo mesmo, não lembro nem idade... Aí minha mãe ouvia uma rádio que tocava Apocalipse 16, que era o rap “muita treta vixe, muita treta vixe”, aí eu entendia até errado, entendia “nega preta vixe, nega preta vixe”, aí vêi daí... Aí logo mais um pouco com uns 13 anos, trabalhava na feira aqui em Cruz, aí eu comprei meu primeiro CD com 13 pra 14 anos, que era Facção Central, aí, daí em diante foi paixão até umas zoras (FELIPE CDA, entrevista realizada em 31/05/2018).

Felipe CDA, é compositor, cantor, instrutor de rima e idealizador do Coletivo da Quebrada. Sem seguir nenhum padrão convencional de liderança centralizadora, Felipe CDA dialoga, organiza e encaminha algumas das principais ações do Coletivo da Quebrada. Utilizando redes sociais ele divulga os eventos do grupo, os trabalhos produzidos e convoca a “galera” para participar dos encontros e atividades.

Rodrigo Nascimento, vulgo Rô, também é um jovem engajado na causa da periferia e do Coletivo da Quebrada, tem a idade de 24 anos, é *B-boy*, compositor, cantor e instrutor de *break dance* do grupo. Rô, igualmente a Felipe CDA, conheceu o rap ainda na infância.

Eu conheci o rap através de uma fita, uma fita... Antigamente não era CD, né!? Era aquelas fitas pequenas, aí meu primo de Candeias trouxe essa fita e tinha um radinho em casa, aí ele botou, eu comecei a escutar, me identifiquei e até hoje eu curto (Rô, entrevista realizada em 31/05/2018).

Ednaldo Souza (Jonnh MC) é cantor, compositor e instrutor do Coletivo da Quebrada, ele tem a idade de 18 anos e é morador da Embira, distrito de Cruz das Almas. Mesmo fora do Loteamento Miradouro, a sua realidade não é diferente da dos outros companheiros. Ingressou no mundo da rima há pouco tempo, mas é amante do rap desde a

sua infância. Sendo o mais recente no ramo da composição musical, já demonstra senso crítico apurado.

Compondo o grupo Márcio Santos (MC Tatuado) também é morador do Bairro Areal e convive com a realidade do seu bairro há muito tempo. MC Tatuado tem a idade de 31 anos, participa das atividades do Coletivo da Quebrada, buscando expressar seu cotidiano.

Considerado como membro do grupo, Jadson Souza (MK LoKonsciente) é um grande apoiador do Coletivo da Quebrada, contribui para que aconteçam os eventos do grupo e faz a produção dos *beats* dos *rappers*. MK LoKonsciente tem 28 anos e é oriundo de Cruz das Almas, tendo seu nome criado pelo próprio *rapper*, que significa “Meio Kilo” e LoKonsciente é a junção das palavras louco e consciente. Teve sua carreira iniciada no mundo do hip-hop em 2005, e desde então vem participando de inúmeros eventos de hip-hop espalhados pelo Recôncavo Baiano e demais regiões. Possuindo um estúdio próprio de gravações, ele promove a cultura no local, se tornando uma grande referência para os demais jovens envolvidos no movimento hip-hop.

Figura 1.0 – Modelo da camisa utilizada pelos integrantes do Coletivo da Quebrada



Fonte: Página do Coletivo da Quebrada no Facebook, 2017.

A descrição do grupo apresentada abaixo, foi feita por Felipe CDA. Por ser uma descrição rica em detalhes e que explana sua atuação na comunidade, foi decidido então manter o relato.

“Se ligue, a ideia do projeto é conscientização, mudança de pensamento, prevenção, ou seja né, evitar que aqueles que são menores passem por

certas situações, né, que a gente sabe que nos cercam né, na periferia. Pra evitar que muito choro de mãe venha ser derramado! E o nome né, Coletivo da Quebrada, porquê? Coletivo já tá dizendo conjunto, né, a união, ali no caso, das pessoas pra fazer acontecer, pá deixar bem claro que não é por uma pessoa, tá ligado? Coletivo já tá dizendo “o grupo trabalha pelo projeto”, e da quebrada, porque é voltado a periferia, ao gueto mesmo, e mesmo que a gente vá fazer apresentações em centro, como rola, ehh, nas praças, tá ligado? colégio, e aí vai, não localizados na periferia, vamos levar o nome da quebrada, realmente pra saber que é algo periférico mesmo o bagui, tá ligado, Coletivo da Quebrada. E a intenção como já dito é essa, né, resgatar almas, molecada que tá perdida também, não só prevenir, mas quem tá dentro também quer um braço, um apoio, tamo aí pra apoiar, pra ajudar, ehh... Já teve fruto já tá ligado, de moleque que pensou em tá em certas situações dizer que o projeto tava ajudando, ou uma determinada pessoa do projeto tá ajudando, tá ligado! A gente une nossas forças, tem coisas que a gente não tá falando pra não dizer “poh os caras tão se achando demais”, mas a gente junta força, “poh o irmão tá passando tal necessidade”, oxe já rolou, rola da gente se juntar, poh tem isso, tem aquilo, junta os alimento e leva, porque o projeto atende os pivete que é pobre mesmo, tá ligado, e... a gente precisa de apoio, tá ligado, talvez não muito financeiro, eu digo assim porquê? De pouquinho e pouquinho a gente faz acontecer, a gente não tem mundos e fundos de dinheiro, mas faz acontecer, muitas vezes do nosso, tá ligado. Mas o apoio que eu digo é o quê? Da galera ver que é um negócio de responsabilidade, entendeu? Tem gente que pensa que a gente tá se reunido ali, que é gangue, que é quadrilha, tá ligado, igual MV Bill falo no som, que preto reunido é quadrilha de bandido, porque o povo pensa assim poh, entendeu? É tipo uma ironia que ele tá dando a ideia no som... ih, aí a gente sofre isso aí tá ligado, por conta do cabelo, da roupa, a galera discrimina muito, porém tem pessoas que admira, né, ainda bem, porque se fosse só paulada, também né, não ia ter nem como tocar o projeto, mas muita pessoa apoia, graças à Deus, uma barreira tem apoiado aí o nosso projeto. Então a galera apoiando vai ver poh realmente é uma parada consciente, a galera vai conseguir entender que é o nosso estilo, tá ligado, cabelo grande black, trançado, dread, ehh cabelo chapadão, enroladinho, não importa, tá ligado, que aquilo ali é algo da nossa juventude vei, é nosso estilo, é nossa pegada, entendeu? E a gente se reunindo, a gente acaba se... deixa eu ver uma palavra aqui, se achando, tá ligado, mermo ali no grupo vei, que vai tá todo mundo igual “poh o pivete tem um cabelo diferente” quiser pintar o cabelo de verde, tá ligado, de rosa, ele vai ser bem aceito no nosso meio, entendeu? Então, é um grupo também de aceitação, tá ligado, todo mundo se aceitar como é, não ter vergonha, tá ligado, e é isso aí, a nossa missão o sentido é esse aí, entendeu? Ajudar, e também diversão né vei, é um lazer, porque na nossa cidade tem pouca de lazer, você já deve ter percebido, poucas opções de lazer, tem mas as vezes é limitado, poh tem que pagar pra, por exemplo tomar um banho de piscina, fazer um rolé diferenciado no clube tem que pagar, tá ligado, muitas vezes o que sobra pra gente é o quê, é o futebol, o skate, uma rima, juntar com a galera, trocar uma ideia, e quando não se acha isso aí? A opção é o quê? tá ligado! Não precisa nem eu dizer né, a opção que nos cerca aí nas quebrada. Então poh, ehh isso aí, tamo aí na luta, na resistência, muita vez o dinheiro da merenda do projeto, que eu acho essencial pra mim, depois que eu tive uma certa experiência ehh... de uma criança falar que tava com fome e não ter levado a merenda pro projeto, eu disse “ó pivete, a partir de hoje não vai faltar mais a merenda”, tá ligado! Eu dou meus pulos, me desdobro, mas a merenda do menor não vai faltar, tá ligado? no projeto. Então, a gente tira do nosso bolso, uma pessoa manda o dinheiro, “oh vei a merenda” outra pessoa “ói, tal pessoa mandou dá aí pah merenda, pah fazer outra coisa, que a gente precisa também tá ligado? Pra comprar as coisas do projeto, ehh skate quebra, tá ligado! peça, tudo isso. Mas se não rolar nada de ninguém fortalecer, a gente tira do

nosso, entendeu? Então é isso, a intenção do projeto é fazer o bem mesmo, ajudar, ehh lazer também pra molecada, pra nós jovens, porque não é só criança, atinge os jovens também, e, ehh ajudar ao máximo pra melhorar o convívio na, nas comunidades onde o projeto seja atuante e ao redor também, conseqüentemente. (Relato realizado por arquivo de áudio encaminhado via Whats App).

Como foi percebido no relato de Felipe CDA, o Coletivo da Quebrada além de ser grupo musical, também é um projeto social que visa à socialização de crianças e jovens das periferias cruzalenses, mediante inserção no campo cultural do hip-hop. Esse pensamento de união entre os jovens da periferia promove a disseminação da participação social, reforçando esse sentido de ir em busca para colaborar e lutar por melhores condições de vida para a “quebrada”.

Figura 2.0 – Atividade realizada pelo Coletivo da Quebrada na Palmeira.



Fonte: Página do Coletivo da Quebrada no Facebook, 2017.

O Coletivo da Quebrada age dentro da comunidade, relatando a realidade encontrada nos becos e vielas que são alvos da desproteção social, onde, através do rap e da rima, estão criando novas formas de se comunicar, de remanejar essas forças que vem das favelas, novas formas de criação de espaço para debater sobre tudo aquilo que os afetam.

O grupo como projeto social teve sua formação em 2017, mesmo os integrantes já se conhecendo anteriormente. O surgimento do projeto partiu de uma predisposição de Rô em ajudar os jovens da periferia de alguma forma, com o sonho de Felipe CDA em montar um

projeto social, daí então se uniram aos demais para fazer acontecer e dessa junção de ideias o Coletivo da Quebrada se formou.

Figura 3.0 – Coletivo da Quebrada em entrevista na rádio Santa Cruz FM.



Fonte: Página do Coletivo da Quebrada no Facebook, 2017.

O grupo faz apresentações musicais pela cidade, como foi no caso do IV Festival da Juventude, em que participaram e levaram ao palco vários jovens para se apresentarem junto ao grupo. Além de apresentações públicas, eles fazem rodas de rima, tanto na Quadra Poliesportiva do Loteamento Miradouro, como na Associação Gente da Gente, nas escolas e no coreto da praça central Senador Themístocles. Eles promovem também atividades de conscientização, dança, rima e esporte. Atividades que, no cotidiano dessas crianças e jovens das periferias de Cruz das Almas servem como uma alternativa para o não ingresso na vida do crime, devido à proximidade com a criminalidade local.

Figura 4.0 – Coletivo da Quebrada no IV Festival da Juventude.



Fonte: Página do Coletivo da Quebrada no Facebook, 2017.

O trabalho possui uma grande dificuldade financeira, como retratado por Felipe CDA, por não contar com o apoio que precisam para pôr todas as atividades em prática. A falta de um apoio do poder público se faz presente tanto para realizar as ações do Coletivo, como também dentro da periferia, onde a falta de infraestrutura no local atinge fortemente o projeto. A reforma da quadra poliesportiva perdura há anos sem ser concluída, essa quadra serve aos dois bairros próximos e, dentro do projeto de construção, está um complexo de esporte e cultura, que serviria para os jovens do Coletivo da Quebrada realizar suas ações. Mesmo com todas essas dificuldades, esses jovens não deixam de sonhar e ir em busca de causar um impacto positivo onde mais se precisa.

3.1- Análise das músicas- Juventude

As músicas produzidas pelos integrantes do Coletivo da Quebrada são voltadas para a conscientização dos jovens da periferia, sempre direcionadas para causar uma mudança de pensamento para a vida destes. Dentro da construção das letras, podem ser encontrados diversos elementos que traduzem aquilo que eles pensam sobre sua realidade, sobre sua condição juvenil, sobre a visão que a sociedade tem da juventude da periferia, sobre a desproteção social que essa população encontra em seus bairros.

Para fazer a análise dos conteúdos das letras de rap, foram selecionadas 5 músicas compostas pelos integrantes do Coletivo da Quebrada, dentre muitas outras produzidas por

eles. Porém o critério de seleção foi a proximidade dos elementos que dialogassem com o objetivo desta pesquisa.

Encontramos nestas músicas os principais elementos que articulamos ao conceito de consciência política para esses jovens. As músicas selecionadas foram “Enquanto eles roubam”, de Jonnh MC, “O sonho não morreu”, de Felipe CDA, “Desordem e Regresso”, “J.O.V.E.N.S.” e “Indignado”, de MK LoKonsciente. Buscamos analisar a partir da identificação prévia de 4 operadores analíticos que podem ser retirados dessas composições. Esses operadores analíticos são as noções de Juventude, Direito, Cidadania e Políticas Públicas. Buscamos perceber de que forma esses jovens, moradores das periferias de Cruz das Almas e articulados em torno do Coletivo da Quebrada, transmitem e expressam sua formação de consciência política através da música que criam e fazem circular.

No que se refere à percepção da juventude periférica para os jovens do Coletivo da Quebrada, podemos perceber que o estigma da sociedade sobre a condição juvenil é, por muitas vezes, encarada como uma espécie de “pânico moral” se denuncia nas letras do grupo.

Minha indignação está sendo expressada,
A juventude, com certeza, é a que menos mata.
Querem prender, querem condenar.
E por que os jovens de carteira assinada não podem trabalhar?
(Desordem e Regresso- MK LoKonsciente).

Nesta passagem da música “Desordem e Regresso”, pode ser verificado que existe uma crítica por parte do autor sobre a questão que é colocada acerca da juventude ser ligada às grandes taxas de homicídios existentes no Brasil. Muitos debates atualmente são feitos dentro dessa temática, que liga os jovens ao índice de assassinatos no país, sendo em torno de 62.500 homicídios por ano (IPEA, 2018), em que se coloca a juventude como alvo de críticas neste debate, fazendo surgir temas como a redução da maioridade penal de 18 anos para 16 anos. Ao dizer que a juventude é a que menos mata, MK LoKonsciente se refere ao fato de que, dentre os crimes mais efetuados pela juventude brasileira, o homicídio não é o que possui a taxa mais elevada, sendo o roubo o crime que é mais praticado por jovens.

O que está sendo expressado na letra dessa música é que a juventude brasileira é usada como “bode expiatório” para se tornar culpada pelos homicídios crescentes no país. Quando é encontrado a parte “querem prender, querem condenar” é possível perceber que a letra se refere à redução da maioridade penal, onde existe um forte apelo da mídia para

destacar o jovem que se encontra em situação de comportamento de risco, voltada à violência urbana. Este mesmo pensamento pode ser retirado de uma outra letra de rap, “*Playground do diabo*” de Eduardo Taddeo.

Tenho muito menos potencial marginal/ Do que o riquinho na hidropônica,
bala cristal/ Incorrigível é quem olha pra grade amarela/ E não vê que a cura
do Parkinson, Alzheimer ta atrás dela/ O adolescente infrator é o bode
expiatório do Brasil/ Mas só meio por cento ta preso por latrocínio em 18
mil/ [...]Usam a boa-fé popular dos renegados do Brasil/ Pra pôr a juventude
pobre no cárcere juvenil [...]O tumor nacional não ta internado na
carceragem/ Ta vendo o índice Dow Jones da poltrona de massagem/ Não
é o menor carente que desperdiça 80 bilhões/ Com óbito prematuro em
velas e pavilhões (Eduardo Taddeo, 2014).

Dentro desta análise das duas músicas, é verificável que os elementos utilizados para transmitir a concepção de que a juventude não é a causadora dos homicídios brasileiros são invocados nas duas letras. Nesta última, é permitido identificar diversas questões tratadas no texto, em que o jovem negro da periferia é visto como um potencial criminoso aos olhos da sociedade. Também pode ser retirada a referência que Eduardo Taddeo (2014) faz ao citar que não é o jovem pobre que está desperdiçando 80 bilhões de reais com óbitos prematuros, esta compreensão é vista no estudo de Cerqueira e Moura (2013) sobre o custo da juventude perdida no Brasil, onde ele alerta que as mortes prematuras de jovens devido às violências chegam a custar ao país cerca de R\$ 79 bilhões em cada ano, correspondendo a cerca de 1,5% do PIB nacional. Cerqueira e Moura (2013) ainda alertam que essas mortes representam um custo de bem-estar social, pois diminuem a expectativa de vida e conseqüentemente, a capacidade de produção e de consumo dos indivíduos.

Ainda se tratando dos jovens vistos como uma ameaça à continuidade da própria sociedade, fica nítida a denúncia que é feita em “Desordem e Regresso” quando aborda a aniquilação do jovem negro da periferia.

O extermínio dos jovens, negros do gueto,
São números absurdos que até da medo.
Não tô aqui pra defender nenhum criminoso,
Instruções não querem dar, “é melhor jogar no poço”.
(Desordem e Regresso- MK LoKonsciente).

Esse extermínio que é retratado na letra da música se refere aos assassinatos diários que levam o sujeito jovem a engrossar uma infeliz estatística de mortes violentas e por armas de fogo, denunciando que o Brasil segue matando seu futuro à bala. Fica exposto na composição musical quem é o maior alvo desse extermínio, quem são os mais vitimados nessa guerra não declarada. A juventude negra da periferia é a que mais sofre com esses

óbitos prematuros, sobretudo os jovens do sexo masculino, de idade entre 15-25 anos, que fazem parte de uma desigualdade racial macabra em números, e de efeitos fúnebres.

Os números absurdos que MK LoKonsciente sente medo de citar é o que a taxa de jovens negros com mortes violentas é de 76% de todos os 62.500 assassinados anualmente, segundo o Atlas da Violência (2018). Ao tratar de um tema tão importante para a conscientização de que existe um extermínio da população negra, os jovens do Coletivo da Quebrada apontam suas armas de luta contra o racismo institucional, denunciando os estigmas criados para subjugar esse sujeito jovem. Eles se politizam para dizer que a juventude negra da periferia não é a que mais mata e sim a que mais morre.

Analisando sobre a ótica dos novos formatos da condição juvenil, será possível perceber que esses jovens, ao se reunirem para criar espaços de interação, produção cultural e diversão, acabam criando juntamente com tudo isso, uma identidade juvenil que vai desde o sentido de pertencimento, ao sentido de empoderamento. Essa identidade juvenil se demonstra na fala dos integrantes do Coletivo quando questionados sobre o que o rap representava para eles.

O rap representa pra mim, várias coisas, pra qualquer momento assim da sua vida o rap pode representar alguma coisa, um ânimo a mais, uma força de vontade, uma força de expressão, sentimentos, abrange tudo, tá ligado!? (Rô, entrevista realizada no dia 31/05/2018).

O rap representa pra mim um movimento, né! Que dá a voz aos oprimidos. O rap é nossa arma de ataque de defesa, né!? Também diversão, tá ligado, pra mim o rap representa muita diversão. Antigamente os preto reunido era samba de roda né, capoeira, hoje em dia a gente utiliza o rap tá ligado, e é isso aí, o rap pra mim significa tudo, luta, resistência, amor, paixão, tudo, tudo, tudo pra mim na minha vida, tudo eu relaciono com o rap. (Felipe CDA, entrevista realizada no dia 31/05/2018).

“O Rap conjuga protesto e humor, diversão e conscientização, descontração e incitamento ao levante, isto é, a luta do dia a dia” (PONCIO, 2014, p.29). Fica bastante visível que, dentro do rap, eles encontram uma forma de se sentirem participantes de algo a mais, criando e fortificando uma identidade juvenil. Nas suas falas é possível captar esses elementos ligados ao pertencimento e que através do rap eles elaboram a sua condição juvenil sabendo da existência do seu espaço como protagonista político e social.

Como grupo, pensando no coletivo, eles também demonstram a importância que é o apoio para a juventude da periferia, pois reconhecem que a ausência de apoio do poder público se faz presente da pior maneira.

Falta oportunidade para os jovens periféricos, né! Na periferia é onde tem os melhores talentos, mas tamo esquecido, abandonado tá ligado? Ehh... pelo poder público, tendeu? aí agora perto das eleições pode ter certeza que vai um monte de político na quebrada, mas aí, mês passado, mês retrasado, cadê? Tá ligado! Quando tem inauguração de alguma coisa, uma festinha e tal, cola um monte, tira uma foto, e depois, cadê? Tá ligado? Então o jovem precisa de oportunidade na periferia (Felipe CDA, entrevista realizada no dia 31/05/2018).

Ao fazer essa crítica, Felipe CDA demonstra que os jovens da periferia estão cientes quanto à falta do poder público na sua “quebrada”, ele expressa esse sentimento relatando que na periferia é onde se encontram pessoas muito talentosas, porém a falta de incentivo acaba deixando poucas opções para esses jovens, que por vezes acabam reproduzido práticas que são apresentadas a eles como a melhor alternativa para uma, possível, mudança de realidade. Esses questionamentos levantados por Felipe CDA traduzem aquilo que é a realidade de vários locais, onde a desproteção social com os moradores das periferias é a mais nítida realidade. O *rapper* ainda levanta uma crítica para o atual período eleitoral, quando os agentes políticos se fazem ausentes dentro da periferia durante outras ocasiões, porém, ocorre comumente que nos anos de eleições, venha a receber a presença de algum candidato no local.

A análise sobre como os jovens ligados ao Coletivo da Quebrada percebem a juventude torna-se importante, pois, dentre as diversas formas de conceituar a juventude, eles conseguem demonstrar como boa parte da sociedade os enxergam, como eles mesmos se percebem, e o que eles são dentro desse ambiente social em que estão inseridos.

Não sou apenas um, eu sou um a mais,
No meio da juventude que sabe o que faz.
Ver a juventude em pauta não é nada mal,
Estou fazendo minha participação social.
(Jovens- MK LoKonsciente).

Esses jovens se autocompreendem como sujeitos ativos na sociedade, que se colocam perante suas demandas e empreendem formas alternativas para transmutar suas realidades. Demonstram saber que a identidade juvenil vai muito além de possuírem as mesmas vontades, demonstram que essa forma de se aproximarem e atuarem em coletivo demarca um sentido de categoria, uma categoria que se conscientiza politicamente para fazer enfrentamentos, para resistir às formas de segregação do espaço político, para participar socialmente nas ações juvenis em seu bairros e em sua cidade.

A busca dessa visibilidade é uma demanda importante que tem sido identificada como fundamento para diversos movimentos contestatórios e ações políticas de grupos com pertencimento declarado as periferias. Em

todas situações a busca por se fazer visível e expressar suas pautas políticas parecem ser uma grande questão articuladora (MATOS, 2015, p. 455).

Essa grande questão articuladora que Matos (2015) retrata, sobre a busca por tornar suas demandas visíveis, relaciona-se com a concepção de juventude trazida por Abramo (2005), em que o sujeito jovem é capaz de se engajar politicamente, de ir em busca das suas demandas, reivindicar seus espaços como categoria social, ou seja, demonstrar que é um sujeito de direitos e que está consciente das suas ações, e não numa fase moratória esvaziada de sentidos, onde não aspira a ser alguém no futuro, mas que já é um sujeito social no presente, portador de direitos e de uma consciência política, que busca dar visibilidade para suas pautas políticas e ao seu protagonismo social.

3.2 - Direitos

A Constituição Federal de 1988 prevê, em seu artigo 227, que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar os direitos da criança, do adolescente e do jovem. Dentro desse conjunto de direitos, estão o da vida, saúde, educação, cultura etc., sendo essa uma grande conquista da juventude brasileira. Além da Constituição Federal, outro instrumento legal que garante direitos aos jovens é o Estatuto da Juventude, em que estabelece as diretrizes para elaboração de políticas públicas para o sujeito jovem, ainda assegurando os direitos de liberdade de expressão, cidadania, participação social, comunicação e outros.

Dentro desta concepção do jovem como possuidor de direitos, é que nos debruçamos ao analisar as produções musicais do Coletivo da Quebrada em busca de elementos que se relacionem às garantias legais voltadas, especialmente, para os jovens. Estas composições são usadas para expressar suas aspirações, reivindicar, protestar, denunciar, como também para usufruir do direito à liberdade de expressão e de comunicação, sendo essa uma forma de produção cultural.

O grupo Coletivo da Quebrada se posiciona totalmente em favor da periferia, fazendo a defesa de tais direitos regidos em lei. Compreendem que a falta de alguns desses direitos, ou a precarização com quais eles são prestados, faz com que seus reflexos sejam demonstrados de forma negativa, logo onde se mais precisa.

Espero que não demore pra ver a mudança,
De ter um ensino digno pra nossas crianças.
(Desordem e Regresso- MK LoKonsciente).

Nesta passagem da música “Desordem e Regresso”, os jovens do Coletivo da Quebrada demonstram que desejam possuir um ensino digno e de qualidade, para isto, eles acionam o direito à educação, direito esse que, muitas vezes na periferia, é ignorado e tratado com descaso.

Não melhoram o ensino, o professor é influencia,
Por isso que eles não os valoriza,
Com um salário pequeno que não incentiva.
(Desordem e Regresso- MK LoKonsciente).

Pode ser verificado que além de denunciarem que a educação básica pública sofre um déficit na qualidade, eles apontam para onde está uma das causas desta falha. Os baixos salários dos professores da rede básica de ensino público está entre uma das principais causas que contribuem para a escolarização precária, essa má remuneração dos profissionais de educação não os estimula para o exercício da sua função. Essa condição de pauperização salarial faz com que a maioria dos professores mantenha uma rotina de trânsito entre diversas escolas, tendo que acrescentar aulas para complementar a falta de valorização em sua remuneração, mediante esse processo, permanece a itinerância desses profissionais nos ambientes escolares (LOURENCETTI, 2014).

[...] quando as condições do trabalho docente são muito ruins, torna-se praticamente impossível se conceber a escola como um local de produção de conhecimentos e de saberes. O professor torna-se um mero *dador de aulas*. (PEREIRA, 2007 *apud* LOURENCETTI, 2014, p. 16, grifo do autor).

Esta visão da ineficiência na garantia desse direito aos jovens é ainda afirmada nas palavras de Felipe CDA.

[...] e a educação também precária, né? é difícil, os reflexos a gente vê, né! Não generalizando, mas geralmente quando entra um moleque periférico numa universidade, ele entra todo perdido porque não teve uma boa qualidade no ensino médio, entendeu? ensino médio e fundamental, também né, e a questão de saber escrever também, entra bem, né, bem em desvantagem à quem teve um bom ensino, né, bem dizer assim! (Felipe CDA, entrevista realizada no dia 31/05/2018).

É encontrado uma consciência por parte desses jovens de que é dever do Estado prover esse bem comum. Desta forma, a noção da educação como um direito básico para esses jovens, é encontrada em suas falas ou em suas produções constantemente, como é o caso na música “Jovens”, composta por MK LoKonsciente.

J, O, V, E, N, S,
De todo o Brasil, não só do nordeste,
Tente mostrar o seu potencial,
Pra que possa ser um profissional,
Mas precisa da educação,
Ela é a base pra sua formação,
Também terá que ter a disciplina,
Homem, mulher, menino e menina.
(Jovens- MK LoKonsciente).

Esta passagem na composição musical reforça a compreensão de que o direito à educação é imprescindível para a formação desses jovens como sujeitos atuantes na sociedade. Tanto demonstram que se posicionam em favor de uma educação digna, como também conscientizam os outros jovens à buscar, através da educação, uma possibilidade de mudança da sua realidade.

Não quero ver meu povo passar necessidade,
Dificuldades existem em todas as cidades,
Quem nunca passou, vai passar por dificuldade.
A melhor coisa a fazer é estudar,
Buscar informação pra se conscientizar.
(Jovens- MK LoKonsciente).

Outro direito dos jovens que deve ser garantido é o direito à vida. O Estado tem obrigação de garantir a vida do jovem, evitando a sua morte precoce, e todas as formas de risco para existência dessa categoria social. Para a juventude periférica, esse é um dos direitos que é mais tratado com descaso, nem o Estado, nem a sociedade são capazes de fazer com que esse direito seja cumprido com eficácia. Como já anteriormente mencionado, os números de jovens das periferias, em sua grande maioria negros, que são assassinados no Brasil é alarmante. O que faz comprovar que está ainda longe de se tornar de fato, uma garantia efetivada.

Os jovens do Coletivo da Quebrada percebem esse descaso com sua condição de vulnerabilidade ante as ameaças que os cercam, como desproteção social, proximidade com um cotidiano violento, pobreza, renda, desigualdade racial, condição essa que torna a juventude negra alvo da maior taxa de homicídios no país. É visível, em várias passagens das letras, a menção a esse fato do direito à vida não ser preservado.

A bandeira que levanto é a verde e amarela,
Mesmo sabendo que o vermelho também faz parte dela.
(Desordem e Regresso- MK LoKonsciente).

Ao dizerem que o vermelho também faz parte da cor da bandeira nacional, eles estão denunciando que a mancha de sangue é um peso para o Brasil, é uma infeliz marca que a pátria carrega como um dos países que menos garantem o direito à vida para a sua juventude.

A situação tá precária na periferia,
Tem chuva de bala, quase todo dia.
(Enquanto eles roubam- Jonnh MC).

Esse trecho da música “Enquanto eles roubam” de Jonnh MC demonstra onde geograficamente são registrados os atos violentos. Dentro da periferia é onde mais acontecem essas mortes violentas, devido à falta de garantias de direitos, que culmina em uma série de desproteção social para o sujeito jovem.

Pensar nos jovens como sujeitos de direitos, como sujeitos atuantes que pretendem deixar sua marca no agora, é identificar que dentro do grupo eles estão unidos, se conscientizando, agindo para transformar sua realidade. Ao denunciarem a precarização com a qual tais direitos estão sendo ofertados, estão fazendo seu papel como cidadão ativo em seu meio. Desta forma, é possível analisar como esses jovens do Coletivo da Quebrada, através do rap, compreendem uma questão tão fundamental que é o direito, para eles que buscam agir como protagonista de si próprios e do seu espaço, onde reforçam os traços da condição juvenil contemporânea.

3.3 - Cidadania

A cidadania tem sido um dos maiores desafios para a promoção da democracia no Brasil. Este desafio de fazer com que ela se torne, de fato, exercida pela sociedade brasileira denota traços históricos em sua construção política, marcada pelo domínio do poder público mediante uma minoria elitizada, a exemplo do coronelismo, mandonismo, paternalismo e clientelismo, que fizeram com que esses subsistemas políticos ficassem raízes oligárquicas no estado democrático atual.

Nesta mesma direção, Souza e Purificação (2004, p. 2) afirmam que “[...] a construção da cidadania e de uma cultura baseada nos direitos sociais e políticos constitui, hoje, um dos problemas mais cruciais para o processo de democratização do Brasil.”

Pensando nos jovens do Coletivo da Quebrada e nas noções de cidadania que é possível perceber em suas produções de rap, pontos importantes desta compreensão são colocados em destaque.

Aqui estou exercendo minha cidadania,
Da juventude de hoje em dia,
Sem esquecer da democracia,
E da educação,
Terei que falar também dessa questão,
Falar a verdade essa é minha função.
O Hip Hop veio pra passar informação,
Sim é isso aí, para toda população.
(Jovens- MK LoKonsciente).

É possível perceber que para os jovens do Coletivo da Quebrada, o exercício da cidadania está atrelado à ação na sociedade em que vivem, um compromisso consigo e com os demais. Utilizar o rap para transmitir informação aos seus iguais é uma forma de mostrar sua preocupação com uma função social.

O pensamento democrático é também destacado na letra da música “Jovens”, escrita por MK LoKonsciente, demonstrando uma consciência de que a democracia é um sistema político importantíssimo para a juventude brasileira, que busca conservá-la para lutar por garantias de direitos, uma luta que foi estabelecida pelas juventudes do século passado.

Desta forma, ao se inclinarem para uma condição de cidadão engajado em colaborar com uma sociedade consciente, eles empreendem um comprometimento com a conscientização e com a sensibilidade de exercício da cidadania, o que pode ser verificado em trecho da música “Indignado”, de MK LoKonsciente.

Minha missão é afastar os meus manos da cova,
Emitindo consciência via ondas sonoras.
(Indignado- MK LoKonsciente).

Demonstram possuir a intenção de motivar os jovens da periferia a seguir um caminho contrário ao apresentado muitas vezes, em seu cotidiano. Ao afirmarem que desejam afastar os “manos da cova”, eles retratam a situação de vulnerabilidade em que se encontram os jovens periféricos em relação à violência. Trazem o rap, que é a “consciência via ondas sonoras”, como uma alternativa possível para essa realidade. Ainda é possível verificar esse mesmo objetivo em outras composições dos integrantes do Coletivo da Quebrada, como na música “O sonho não morreu”, de Felipe CDA.

Quase entreguei o meu sonho de bandeja,
Tive que escolher qual seria minha carreira,
Ser falcão na favela, vendendo pedra e pó,
Ou continuar no Rap ser exemplo prô menor,
Não quero ser o melhor, mas quero ser a diferença,
No sistema prisional não quero ser mais uma cabeça.
(O sonho não morreu- Felipe CDA).

Essa preocupação em causar um impacto social positivo, dentro do contexto de sua comunidade, pode ser entendido, como uma forma de cidadania coletiva, contrário, ao pensamento individual, mas voltado, para uma dimensão social. Ao declarar que teve que decidir em um momento da sua vida por qual caminho percorrer, Felipe CDA reafirma a alternativa de fuga de determinada realidade, através do rap, para se tornar um ator social, conscientizando outros jovens da sua “quebrada”.

A cidadania pensada como uma difusão social na comunidade periférica pode ser extraída em outros trechos da mesma música, “O sonho não morreu”.

É por vocês que tô aqui, é por vocês que componho,
Aí menor, nunca desista do seu sonho,
Independente mano do que você passa,
Não importa mina como vai na sua casa,
O MC aqui quer te ver sempre bem.
(O sonho não morreu- Felipe CDA).

Passando palavras de incentivo, de positividade e otimismo, para que os jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade social possam ter um motivo para continuar acreditando em uma melhoria de condição de vida.

O meu objetivo nunca foi “viaje”,
Projeto social e rap pra comunidade,
Sem a união nada poderei fazer,
Se levantou um batalhão para me fortalecer,
Periferia resiste, muita fé em Deus,
Coletivo da Quebrada, o sonho não morreu.
(O sonho não morreu- Felipe CDA).

Felipe CDA ainda ressalta a importância da união entre esses jovens, onde a formação de uma base de apoio é bastante relevante para a construção da cidadania, através do projeto social formado por eles.

Os jovens do Coletivo da Quebrada identificam no rap, no projeto social e nas formas de reivindicar suas demandas, uma luta para o acesso ao espaço público, “Deve-se considerar que a cidadania como acesso ao espaço público, é a luta pela participação e construção do próprio espaço de modo a reivindicar a efetivação dos direitos humanos em seu aspecto sociopolítico e cultural.” (SOUZA e PURIFICAÇÃO, 2004, p. 5). Desta forma é possível perceber que os direitos reivindicados por eles, não são apenas os políticos, mas também, os direitos sociais.

Marshall (1967) conceitua cidadania mediante a posse de três direitos, sendo eles; Direito Civil, Direito Político, Direito Social. O Direito Político vai além do direito de eleger e ser eleito, mas de poder participar da vida política. Este Direito Social, entendido por ele, refere-se ao direito à um mínimo de bem-estar, à necessidade da sociedade participar da herança social, tendo direito à educação, à segurança, à saúde, à renda, ou seja, a possibilidade do indivíduo ter qualidade de vida.

Dentro desta compreensão, ao serem analisadas essas noções para os jovens do Coletivo da Quebrada, podem ser verificados elementos equivalentes a essa definição, como em “Desordem e Regresso”.

Não devemos aceitar os restos pra viver,
O governo faz menos do que pode fazer.
Começando pela distribuição de renda,
Já faz muito tempo que queremos que entenda.
Que a sua obrigação é os nossos direito,
Somos nós que fazemos com que sejam eleitos.
(Desordem e Regresso- MK LoKonsciente).

A compreensão de que são cidadãos possuidores de direitos se reafirma nessa passagem, na qual eles colocam a necessidade de se tornarem participantes, ativos, não aceitarem viver abaixo de uma condição mínima, vista como um ideal de existência. Ao se

retrataram a “O governo faz menos do que pode fazer”, identificam uma das áreas que mais tem chamado a atenção no campo da política nacional: eles apontam a carência de uma distribuição de renda mais justa, sendo esse um dos grandes problemas na questão das desigualdades do país. Tal observação é comentada também por Souza e Purificação (2004) “[...] uma selvagem concentração de renda, que confina a grande maioria a uma situação de empobrecimento crescente” (SOUZA e PURIFICAÇÃO, 2004, p. 5). Então a visão desses jovens em relação aos direitos sociais pode ser extraídos das suas produções musicais.

A outra variante de direitos políticos para condição de cidadania, explanada por Marshall (1967), é encontrada no mesmo trecho do rap, ao citarem que a obrigação dos que estão na condição de governantes políticos é a garantia dos direitos dos cidadãos do país; ainda ressaltam que a população os elege para representá-la, e de fato deveria ser exercido.

Dentro ainda do conceito dos direitos políticos, os jovens do Coletivo da Quebrada, percebem questões como da corrupção, que sempre esteve presente no modo de fazer política brasileira, mas que nos últimos tempos tem ganhado bastante notoriedade com escândalos ocorrentes. Na letra na música “Enquanto eles roubam” de Jonnh MC, são verificados elementos que se ligam a esse que é um dos grandes problemas da política brasileira.

Enquanto eles roubam de barriga cheia,
Tem família chorando sem comida na mesa.
Enquanto eles roubam lá no senado,
Os pivetes na quebrada tão morrendo fuzilados.
(Enquanto eles roubam- Jonnh MC).

Nas estrofes deste rap, é verificado que os jovens do Coletivo da Quebrada possuem uma visão por completo sobre o mal que é causado pela corrupção, por entender que essa prática ocasiona diversos fatores de risco para a população, principalmente para quem já se encontram em situação de vulnerabilidade social.

Reforçam esse pensamento as palavras de Felipe CDA, que identifica o mal da corrupção como sendo a maior tragédia para o País, também o nível, local atingindo o cidadão cruzalmeno, pois os impactos negativos desse problema se tornam visíveis em todo território nacional, mas sendo seus efeitos mais impactantes para os moradores das periferias.

Eu acho que atinge da pior maneira, né! Porque as desigualdades acaba alocando o povo periférico, o povo pobre aonde? Nas favelas, tá ligado!? Em outros locais, não aqui na, em Cruz das Almas né, mas tem as casa de palafita, casa de madeira, tá ligado? Entendeu? Então é essa parada aí que

atinge, a fome, tá ligado? Aqui em Cruz das Almas rola muita família que passa fome, tá ligado? Enquanto muitos roubam milhões, tem uma galera aí que hoje vai dormir sem comer, tá ligado? Sem um pão que seja, entendeu? Tem um poeta que fala que “A pior das dores é a dor da fome”, aí consequentemente, não apoiando, mas vai crescendo o quê? A criminalidade, o moleque entrar no crime pra poder ajudar a mãe, pra poder comer, comprar uma roupa, quem é que não gosta de se vestir bem, tá ligado? Capitalismo, entendeu? Então é isso aí, o moleque parte pra o arrebento, muitas vez por conta do fardo tá pesado ele quer aliviar, não tem uma estrutura boa pra ele se divertir, tá ligado? O alívio dele vai ser, queimar um béck, cheirar um pó, tá ligado? e aí é onde vem a pior desgraça, porque aí que se torna dependente e acaba fazendo besteira por conta disso, entendeu? Então minha visão é essa. Corrupção é a pior desgraça no Brasil (Felipe CDA, entrevista realizada no dia 30/05/2018).

Portanto, compreendem que a corrupção é um dos grandes empecilhos para o pleno exercício da cidadania, com seus direitos civis, políticos e sociais efetivados e atendidos. Esses impedimentos e limites de gozar dos direitos sociais são colocados de forma mais cruel para o jovem da periferia, como descrito por Felipe CDA.

Tic, tac, o tempo tá passando,
Quanto mais passa, mais eles vão roubando.
Só sabem prometer, não cumprem a palavra,
No tempo da eleição querem nos comprar com cesta básica.
Com a gente não cola, pega a visão,
Só chega na quebrada em tempo de eleição.
Durante quatro anos somos esquecidos,
Nesse tempo todo, cadê esses políticos?
A situação tá precária na periferia,
Tem chuva de bala, quase todo dia.
Certamente o Brasil seria outra nação,
Se aqui não tivesse tanta corrupção.
(Enquanto eles roubam- Jonnh MC).

A condição de vida das camadas populares nas cidades brasileiras é consequência de um processo secular de falta de direitos e o impedimento de ter direitos se reflete no exercício da cidadania. Para esses jovens, o ser cidadão vai além de usufruir do direito ao voto, não apenas diz respeito às ações normativas sobre processos eleitorais, mas sim dentro da atuação como sujeitos portadores de direitos e garantias, onde, na condição de cidadãos, desejam fazer com que sejam, de fato, ouvidos e atendidos.

Ao se posicionarem contra práticas clientelistas, que por anos moldam a forma de busca por votos, esses jovens do Coletivo da Quebrada estão dizendo para a sociedade e para os representantes do poder público que eles são jovens ativos no espaço político, que possuem conhecimento sobre seus direitos de gozar de uma vida digna, de uma cidadania plena. Esses jovens demonstram a capacidade de compreender assuntos ligados à política contemporânea, desta forma, dispõem de uma consciência política e que essa consciência é feita na prática.

São infiéis quando veem com seus discursos,
Isso sim, pra mim que é um abuso.
Contra nosso povo, contra nossa inteligência.
(Desordem e Regresso- MK LoKonsciente).

Este trecho reflete a indignação dessa juventude que não aceita mais tais práticas. Demonstram nessa passagem da música que não estão apáticos da política, porém também não aceitam a velha forma de politicagem.

Assim, os jovens que se agrupam em torno do rap, no Coletivo da Quebrada, usam a música como uma alternativa para se politizarem, exercendo sua cidadania dentro do seu espaço. Tanto na cidadania coletiva e participativa, quando surge a preocupação com a conscientização dos outros jovens da periferia, como também na cidadania como direito político, de participar e reivindicar seu espaço como protagonista político dentro da sociedade.

3.4 - Políticas Públicas

O bairro do Areal, como é conhecido pela população cruzalmense, é uma das áreas do município de Cruz das Almas mais ignoradas pelo poder público. Os moradores do local convivem com condições de exclusão social, econômica e espacial, devido ao grande descaso que é apresentado para a comunidade. Algumas tentativas de busca por melhorias para o local são tentadas pela Associação dos Moradores, que se mobilizam em prol de conseguir espaço político na luta por um desenvolvimento social da comunidade. Aliados a essa luta por uma qualidade de vida mais justa, os jovens do Coletivo da Quebrada se organizam em torno do rap e da cultura hip-hop para reivindicar suas demandas.

Nas letras das músicas produzidas pelos integrantes do Coletivo, são encontrados diversos aspectos que se relacionam com a concepção de políticas públicas, entendida aqui como tomadas de decisão ou não, por parte do poder público, para promover ações e atender demandas que dizem respeito à sociedade como um todo. Trazendo uma definição teórica para esse conceito, SOUZA e SECCHI trabalham com a concepção de que a política pública seria:

[...] uma entidade abstrata, que se materializa por instrumentos concretos, tais como programas, projetos, obras, organizações, campanhas e leis nas diversas áreas de atuação pública: saúde, educação, meio ambiente, gestão pública, infraestrutura, segurança e tantas outras (SOUZA; SECCHI, 2015, p. 78-79).

É importante ressaltar que a concepção encontrada pelos jovens do Coletivo da Quebrada é a que interessa para o objetivo desta análise, porém a definição trazida pela literatura acadêmica se faz necessária para nortear essa compreensão encontrada nas letras de rap.

Por se tratar de rap, já é esperado um discurso de protesto em relação às reivindicações. Como o estilo musical possui um histórico de conduta mais crítica sobre questões sociais, não é diferente para os jovens do Coletivo da Quebrada, que usam o rap como instrumento formador de consciência política e expressão da juventude da periferia. Nas canções que serão analisadas, esta visão dos *rappers* como atores e autores da construção de sua realidade ficará nítida ao identificar os conteúdos colocados nas letras.

Me encontro triste, ao perceber o que ocorre,
O Brasil está vivendo uma grande desordem,
Espero que isso sirva pra que chegue o progresso,
Mas infelizmente estamos indo ao regresso.
(Desordem e Regresso- MK LoKonsciente).

Aqui pode ser percebido a dimensão da riqueza posta na letra, ao analisar a conjuntura política atual, a crise de representatividade no âmbito público e diversas conquistas sociais em forma de políticas públicas que têm retroagido, verificamos que tal conteúdo é bastante presente no momento. Uma outra análise pode ser feita quando se tratando da associação do tema posto com o encontrado na teoria, sobre o processo de extinção de políticas públicas, no qual pode ser dado com a descontinuidade de específicas funções governamentais, de políticas públicas, de programas e de organizações governamentais (SOUZA e SECCHI, 2015). Uma extinção de políticas públicas no campo organizacional que recentemente demonstrou um grande retrocesso para a juventude, em nível nacional, foi a medida tomada pelo governo atual, que estabeleceu uma nova organização dos ministérios, extinguindo o antigo Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos. Sendo extinto o ministério, que é um exemplo do nível organizacional, suas funções foram alocadas para o Ministério da Justiça e da Cidadania. Desta forma, a juventude brasileira perdeu um importante espaço político que havia conquistado mediante uma trajetória de luta.

Dentro das reivindicações por políticas públicas, os jovens do Coletivo da Quebrada percebem em sua comunidade a falta de equipamentos de lazer, de infraestrutura adequada, além de instrumentos básicos para promover a saúde local, educação, trabalho, cultura e outros que se fazem necessário.

Sobre a questão da saúde que deve ser uma política pública garantida para todos os cidadãos brasileiros, encontramos na visão do Coletivo da Quebrada as dificuldades de

acesso à prestação de cuidados básicos na rede de saúde pública, além de, por vezes, não contar com o atendimento procurado, tendo então que se deslocar para outras cidades que prestem o serviço.

Não temos qualidade em nada, tá ligado? na saúde tamo abandonado, se a mãe de algum favelado passar mal, aí quem tem fé, tá ligado, vai apelar pra sua fé, porque se depender do SUS, tá ligado, muitas vezes não temos um bom atendimento, e quando tem é fora, fora de Cruz das Almas. (Felipe CDA, entrevista realizada no dia 31/05/2018).

Essa leitura sobre a real situação das políticas na área da saúde em Cruz das Almas é também encontrada na letra da música “Indignado” escrita por MK Lokonsciente.

É inaceitável ver hospitais fechados,
E os que funcionam tem equipamentos quebrados.
(Indignado- MK LoKonsciente).

Ao afirmarem que “É inaceitável ver hospitais fechados”, fazem referência a hospitais como o Santa Casa de Misericórdia, que esteve fechado durante anos por falta de apoio do poder público, sendo que este tem grande relevância para município de Cruz das Almas, por atender tanto a sede como a região. No verso seguinte da composição “Indignado”, ainda é possível extrair uma crítica à falta de equipamentos médicos e hospitalares necessários para o atendimento ao cidadão, o que representa hoje a realidade de muitos hospitais públicos.

Diante desse panorama de reivindicações, os *rappers* que se agrupam ao redor do Coletivo da Quebrada acionam seus discursos musicais em favor de dar voz à periferia, ou melhor, à quebrada. Temáticas de grande relevância social são colocadas em ponto de questionamento e enfrentamento, de forma que aparece nas composições uma discussão secular a respeito da questão da fome no Brasil. Assunto este que durante anos vem sendo tratado por especialistas e que, na última década, obteve avanços na tentativa de erradicação, porém, ainda é considerado um problema público que persiste no país.

Tem criança na escola, sem se alimentar,
Sabendo que tem desvio na merenda escolar.
Mas como aprender de barriga vazia,
A fome não acabou, isso é hipocrisia.
A tia na favela passa por dificuldade,
As vezes falta o pão, isso é realidade.
A muito tempo vivemos abandonados,
Na calada da noite, vivemos assustados.
(Enquanto eles roubam- Jonnh MC).

Os jovens do Coletivo da Quebrada denunciam, através do rap, que nas periferias do município de Cruz das Almas ainda existe a falta de alimentos nas residências de muitas famílias, que essa é uma realidade cotidiana, mas que pouco é considerada. Compreendem

que a falta de uma política pública eficiente no combate à fome permite que esse fato ainda exista. Também é possível encontrar questões que tiveram grande repercussão midiática recentemente, por se tratar de escândalo de corrupção. Quando eles falam dos desvios nos recursos destinados à merenda escolar “tem criança na escola, sem se alimentar, sabendo que tem desvio na merenda escolar”, associam um fato existente no cenário político do Brasil e retornam a criticar as práticas de corrupção que tanto arruinam o país.

Corrupção, desvio de verbas,
No Brasil pode de tudo, principalmente as promessas.
Quer dizer, o que não pode é trabalhador,
Os números das urnas é o que tem mais valor.
(Indignado- MK LoKonsciente).

Neste trecho do rap “Indignado” de MK LoKonsciente, fica nítida a crítica sobre a questão da corrupção estar enraizada no país, acontecendo que por vezes faz existir um sentimento de certa impunidade para aqueles que comentem essas irregularidades. Ao afirmarem “o que não pode é trabalhador”, eles estão apontando para a grande falta de acesso ao emprego e renda que os brasileiros têm enfrentado nos últimos anos.

Os pivetes na quebrada estão morrendo fuzilados,
Sem oportunidade de um bom trabalho,
De tanta roubalheira, eu já tô cansado,
Porque tudo na quebrada é mais dificultado.
(Enquanto eles roubam- Jonnh MC).

Esse fato de não possuir acesso ao emprego faz com que os jovens, com idade economicamente ativa, engrossem a estatística de desempregados. No município de Cruz das Almas é bastante visível essa situação de desemprego, ao verificarmos os dados de trabalho e rendimento, pode ser percebido que apenas 19,3% da população está ocupada (IBGE, 2016), sendo que em números se equivalem a 12.485 pessoas, de uma população que se aproxima de 65 mil habitantes. Por ser uma realidade do cotidiano dos jovens do Coletivo da Quebrada, essa falta de políticas públicas que gerem emprego é sempre lembrada nas letras dos raps, “E por que os jovens de carteira assinada não podem trabalhar?” (Desordem e Regresso- MK LoKonsciente).

Há muito tempo, vejo, ouço e reflito,
O povo está sofrendo, muitos não tem um trampo digno.
Essa situação deixa muitos revoltados,
Não depende só de nós pra que chegue os resultados.
(Indignado- MK LoKonsciente).

Ao informar que “muitos não tem um trampo digno”, esses jovens estão ressaltando um fato que ocorre corriqueiramente. A falta de emprego gera a precarização das condições de trabalho, onde muitos que estão em busca de uma ocupação acabam se alocando em

subempregos, com baixa remuneração, carga horária excessiva e péssimas condições do ambiente de trabalho.

Aumentar o índice de alfabetizados,
Para que possa entrar no mercado de trabalho,
Para conseguir tem que ser qualificado.
(Jovens- MK LoKonsciente).

A noção de que políticas públicas para a educação ocasionam, em longo prazo, melhores profissionais para o mercado de trabalho também pode ser extraído da letra do rap “Jovens” de MK LoKonsciente. Percebem que, através da promoção da educação de qualidade, pode-se chegar a bons empregos.

Aí o salário terá ampliação.
O número de escolas também tem que ampliar,
Não só na zona rural, mais principalmente lá.
A população rural terá o que sempre quis?
Escola, trabalho, sem perder sua raiz.
(Jovens- MK LoKonsciente).

A juventude da periferia de Cruz das Almas, do bairro do Areal, pede espaço político para se construírem na sociedade. Através do rap, ela se impõe para manter uma voz ativa. Dentro da sua produção musical são vistos elementos que se associam aos conceitos de políticas públicas, ao mesmo tempo em que usam da própria noção de políticas públicas para reivindicar seus direitos. Além de expor na letra a necessidade de criação de escolas para atender a juventude urbana e a da zona rural, eles trazem construtos de uma juventude que quer se inserir no mercado de trabalho com dignidade e que, também, quer ser ouvida, lida e respeitada como ator social, um cidadão. Promovem sua conscientização política por via da introdução de conteúdos de grande relevância nas letras de rap, despertando o interesse dos outros jovens. Viabilizam a cultura da periferia, que historicamente foi silenciada, e passam a agir pela dimensão crítica e reflexiva dentro do rap.

4. Considerações finais

A cultura hip-hop formada pelo Rap, Grafite, B-boy e DJs têm em sua origem um protagonismo político e social que tiveram grande importância para o povo negro da periferia nos Estados Unidos e também no Brasil. O hip-hop, mais especificamente o rap, é tido como a voz ativa da favela, por tratar de assuntos do cotidiano periférico que, geralmente, não são abordados pela mídia, ou não com a precisão crítica devida. A construção da música rap muitas vezes é composta por elementos que se associam com uma crítica social, com protesto contra as condições de vida encontrada na maioria das favelas no Brasil.

A realidade vivenciada pelos jovens da periferia permite que, dentro do cenário do rap, eles se organizem para criar e produzir uma juventude com consciência política, fazendo desse gênero musical não apenas um simples meio de entretenimento, mas um veículo político da periferia, que doa som à voz não ouvida e ressalta o papel socializador do estilo musical.

Devido à importância social que o rap tem para a juventude periférica brasileira, este trabalho buscou se debruçar diante da realidade cotidiana de jovens ligados ao Coletivo da Quebrada, do município de Cruz das Almas-BA. Por compreender que o rap pode ser utilizado como instrumento formador de consciência política para essa categoria juvenil, foi proposto analisar como esse processo se manifesta dentro das composições musicais dos jovens integrantes do Coletivo.

Com o intuito de buscar compreender quais contribuições o rap oferece para a formação de consciência política para esse grupo social, foi verificado nas letras das músicas “Jovens”, “Indignado”, “Enquanto eles roubam”, “O sonho não morreu” e “Desordem e Regresso”, elementos que se articulam em torno do conceito de consciência política. Os operadores analíticos trazidos para a pesquisa colaboraram para que fosse gerado, essa compreensão sobre a politização desses jovens. As noções de juventude, direito, cidadania e políticas públicas que foram extraídas das composições demonstraram que esses jovens percebem a dinâmica da conjuntura política contemporânea, como também reivindicam melhor qualidade de vida para a periferia e a garantia de poder gozar da condição de ser cidadão portador de direitos, fazendo enfrentamento para lutar pelo seu espaço na sociedade. Ou seja, a vivência desses jovens no movimento hip-hop funciona como um espaço de aprendizagem, de educação política não-formal.

Ficou evidenciado que para esses jovens do Coletivo da Quebrada, moradores das periferias de Cruz das Almas, as políticas públicas pensadas a partir das necessidades da juventude da periferia tem grande importância para esses indivíduos. A falta de equipamentos públicos, na comunidade, voltados para a educação, saúde, segurança, renda, lazer, cultura e outros, reforça a desproteção social dessa população, o que acentua, cada vez mais, um processo de exclusão social. O aumento das vulnerabilidades sociais dos jovens periféricos, devido à falta de atendimento dessas necessidades, pode contribuir para um maior ingresso na criminalidade. A falta dessas políticas públicas e o descaso por parte do poder público deixa espaço para que a criminalidade e a violência se instalem. Esta compreensão também é verificada nas composições do Coletivo da Quebrada, por onde eles fazem a defesa de direitos e se engajam na luta política por maiores investimentos e visibilidade ao redor de seus interesses e necessidades.

Agrega-se a isto o fato da juventude negra da periferia possuir uma imagem que é bastante estigmatizada e estereotipada por parte da sociedade, que desconhece sua cultura e suas demandas. Neste sentido, a juventude aqui foi tratada como portadora de direitos, como um grupo que exerce sua cidadania e que não apenas está em uma fase de moratória para se tornar adulto é uma classe que faz parte do presente e deseja ser considerada como tal.

A consciência política se manifesta no rap, por causar um despertar da crítica social, por passar uma mensagem que gere a politização do seu ouvinte, que exprime em forma de versos as demandas de uma classe. “Assim, a consciência política refere-se à politização do sujeito, às ações politizadas do sujeito e, em última análise, ao desenvolvimento consciente de seu caráter político” (SILVA, 2008, *apud* PEREIRA, 2015, p. 297). Neste sentido, os jovens buscam o protagonismo político, ao mesmo tempo em que se tornam autores de si próprios e do seu redor. Ao buscarem conhecimento para posteriormente transferirem para as letras de rap, eles estão fazendo uma formação de si mesmos, deixam de ser objetos de uma cultura hegemônica, para se tornarem sujeitos ativos de uma cultura popular, adquirindo conhecimento para poder atuar nessa forma de fazer rap, ou melhor dizendo, fazer revolução através das palavras.

O trabalho com o rap como instrumento formador de consciência política contribui em muito para a formação do profissional em Gestão Pública. No que diz respeito às temáticas sociais, espera-se que este profissional, ao atuar como gestor público, desenvolva a sensibilidade de olhar para as demandas da população que se encontra em áreas periféricas, tendo atenção para as juventudes, em especial a juventude negra da periferia, uma vez que essa população se encontra em situação de vulnerabilidade social e carência

de suporte do Estado. Deve este ser capaz de, em momentos de formação da agenda pública, perceber os fenômenos em torno das demandas das juventudes com uma perspectiva não apenas técnica, mas também social, observando as subjetividades da condição juvenil.

Ao alcançar esta etapa da pesquisa, um sentimento de grande satisfação é deixado aqui, a sensação de poder realizar este trabalho se confirma com a trajetória vivida pelo pesquisador. Esse momento auspicioso de poder falar daquilo que o rap transmitiu e continua transmitindo se demonstra bastante satisfatório. Observar essa consciência política extraída do gênero musical é poder comprovar com páginas o que o Rap ensinou em vida.

5. Referências

ABRAMO, H. W. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: ABRAMO, H. W.; LEÓN, O. D. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. cap. 2, p. 19-35.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. CAPÍTULO VII – Da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso. Brasília: Secretaria de Editoração e Publicações, 2016. 227 p. (Série Legislação Brasileira).

CERQUEIRA, Daniel; MOURA, Rodrigo. **Custo da Juventude Perdida no Brasil**: Somos o futuro da nação?. 2013. Disponível em: <http://juventude.gov.br/articles/participatorio/0005/6904/130712_custo_da_juventude_perdida_no_brasil.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2018.

CRUZ DAS ALMAS. População estimada. **IBGE**, 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias-novportal/por-cidade-estado-geociencias.html?t=destaques&c=2909802>>. Acessado em 16/07/2018.

CULTURA. Cultura Popular. **Meus Dicionários**. Disponível em: <<https://www.meusdicionarios.com.br/cultura-popular>>. Acessado em: 14/09/2017.

DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1517-970220020001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 nov. 2017.

EDUARDO TADDEO. *Playground do diabo*. In.: Eduardo Taddeo. **A fantástica fábrica de cadáver**: gravadora Só Monstro Produções, 2014. Disponível em: <<https://www.eduardooficial.com.br/playground-do-diabo>>. Acessado em 31/07/2018.

EDUARDO TADDEO. *Substância Venenosa*. In.: Eduardo Taddeo. **A fantástica fábrica de cadáver**: gravadora Só Monstro Produções, 2014. Disponível em: <<https://www.eduardooficial.com.br/substancia-venenosa>>. Acessado em 03/07/2018.

FELIPE CDA. O sonho não morreu. **YouTube**, 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=eEqgebCxXNA>>. Acessado em 25/07/2018.

HIP-HOP. Hip-Hop e as rádios comunitárias. **Rederap Tv**, 2015. Disponível em: <<https://rederap.wordpress.com/2015/07/13/hip-hop-e-as-radios-comunitarias/>>. Acessado em 05/02/2018.

IBGE. **TRABALHO E RENDIMENTO**. Cruz das Almas, 2016. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/cruz-das-almas/panorama>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

IPEA, Instituto Brasileiro de Estatística Aplicada. **Atlas da Violência**: A evolução dos homicídios no Brasil, regiões e unidades federativas. Rio de Janeiro: [s.n], 2018. 93 p. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf>. Acesso em 31 jul. 2018.

JUNIOR, A. B. A. O que é Hip-Hop. **Movimento Hip-Hop DF**, 2012. Disponível em: <<http://www.movimentohiphopdf.com/site/noticias.html>>. Acessado em: 26/01/2018.

JUVENTUDE. Juventude no Brasil. **Unesco**, 2017. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/social-and-human-sciences/youth/>>. Acessado em 29/05/2018.

KERBAUY, M. T. M. Políticas de juventude: políticas públicas ou políticas governamentais?. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, n. 18/19, p. 193-203, 2005.

LEÓN, O. D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: ABRAMO, H. W.; LEÓN, O. D. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. cap. 1, p. 9-18.

LOURENCETTI, Gisela C do. **A baixa remuneração dos professores**: algumas repercussões no cotidiano da sala de aula. *Educ. Públ., Cultura Escolar e Formação de Professores* v. 23 n. 52 p. 13-32, jan/abr. Cuiabá, MT.2014.

MAGRO, V. M. M. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o Hip Hop. **Cad. Cedus**, Campinas, v. 22, n.57, agosto/2002, p. 63-75.

MARSHALL, T. H. **Cidadania e classe social**. In: _____. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, s.d. 1967, p. 57- 114.

MATOS, Daniela Abreu. **Narrativas em tensão**: modos de ser jovem na/da periferia. *Comunicação e Cultura*, Salvador, v. 13, n. 02, p. 453-470, maio. 2015. Disponível em: <<https://rigs.ufba.br/index.php/contemporaneapocom/article/view/12261>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

MESSIAS, S. I. **Hip-Hop Educação e Poder**; O rap como instrumento de educação. 12. ed. Salvador: EDUFBA, 2015. V, 207 p.

MK LoKonsciente. Jovens. **MK LoKonsciente**. Studio LK, 2016. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/mk-lokonsciente/jovens.html>>. Acessado em: 06/08/2018.

MK LOKONSCIENTE. Resumo sobre MK LoKonsciente. **Studio LK**, 2015. Disponível em: <<http://mklokonsciente.wixsite.com/mklokonsciente/musicas>>. Acessado em 23/07/2018.

O RAP. Rap é o gênero mais ouvido do mundo, segundo spotify. **Bilboard Brasil**, 2015. Disponível em: <<http://billboard.uol.com.br/noticias/rap-e-o-genero-mais-ouvido-do-mundo-segundo-spotify/>>. Acessado em 05/06/2018.

PEREIRA, Parmênides Justino. **Educação popular e consciência política na luta pelo espaço urbano**: a resistência da vila de pescadores de jaraguá. 2015. p. 361. Tese (Doutor em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, CAMPINAS, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/254026>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

PINTO, T. Os Panteras Negras e o movimento racial nos EUA. **História do Mundo**, 2017. Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/idadecontemporanea/os-panteras-negras-e-o-movimento-racial-nos-eua.htm>>. Acessado em: 21/01/2018.

PONCIO, G. R. **O Rap como expressão da cultura popular e da tomada de consciência**: enfrentando a prisionização e a seletividade do sistema penal. 2014, p. 72. Monografia (Graduação do curso de Serviço Social)- Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/134404>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

RACIONAIS MC'S. Fim de semana no parque. In.: Racionais MC's. **Raio X do Brasil**: gravadora Zimbabwe Records, 1993. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63447/>. Acessado em 23/07/2018.

RAP. Rap no Brasil, Rap nos Estados Unidos, significado da palavra RAP, grupos de Rap, hip-hop e break. **Sua pesquisa**, 2016. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/rap/>>. Acessado em 05/02/2018.

SANTOS, E. R. Educação popular e resistência político-cultural do movimento hip hop. In: **II Encontro de educadores do Maranhão: pesquisas e experiências**, 2006, São Luís. Novos

Saberes e Práticas: desafios educacionais na contemporaneidade. São Luís: EDUFMA, 2006. p. 01-178.

SANTOS, Rosenverck Estrela. **Para além dos muros escolares**: práticas educativas e resistência político-cultural do movimento Hip Hop. 2006. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

SILVA, C. R.; FARIA, I. O rap e o grafite fazem a cena: observando os espaços de articulação e visibilidade do hip-hop feirense. In: IRIART, S. F. M.; LARANJEIRA, P. H. D.; LUEDY, E.; FARIA, I. (Orgs.). **Circuitos culturais juvenis em Feira de Santana, Bahia**. 1ed. Feira de Santana: UEFS Editora, 2017, v., p 81-99.

SILVA, J. D. S. **RAP**: uma experiência pedagógica na reafirmação da cultura da criança negra. 2009. 95 p. Monografia (Licenciatura em Pedagogia com Habilitação em Anos Iniciais do Ensino Fundamental I)- Departamento de Educação, Uneb, Salvador, 2009. Disponível em: <<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-JOSENILDA-DEBORA-SANTOS-SILVA.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2017.

SILVA, M. A.; COUTINHO, E. G. Hip-Hop: uma batida contra-hegemônica na periferia da sociedade global. In: Sílvia Borelli; João Freire Filho. (Org.). **Culturas Juvenis no século XXI**. 1ed.São Paulo: Educ, 2008, v., p. 211-227.

SOUZA, E. M. A.; PURIFICAÇÃO, M. S. **Educação para a Cidadania**: o Jovem como Cidadão do Mundo. In: Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2º., 2004, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: [s.n.], 2004. p. 1-7. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/congrent/Direitos/Direitos23.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

SOUZA, Y. H.; SECCHI, L. Extinção de políticas públicas: síntese teórica sobre a fase esquecida do policy cycle. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, São Paulo, v. 20, n. 66, p. 75-93, jan. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12660/cgpc.v20n66.39619>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

6. Anexo

Letras das músicas analisadas- Coletivo da Quebrada

Felipe CDA- O sonho não morreu.

Agradeço família tudo que fizeram por mim,
Vou colocar em prática tudo que aprendi,
Pivete cresceu e não é mais criança,
As vezes minha revolta se tornava ignorância,
E quanta ignorância no meu modo de agir,
Preferia acelerar, chapar, fugir,
Quanto livramento, eu na madrugada, na calada
À luz da lua eu vi e vivi tanta parada,
Eu dei perdido, mas disso nunca me orgulhei,
Quem nunca errou na vida? Eu também já errei,
Quase entreguei o meu sonho de bandeja,
Tive que escolher qual seria minha carreira,
Ser falcão na favela, vendendo pedra e pó,
Ou continuar no Rap ser exemplo prô menor,
Não quero ser o melhor, mas quero ser a diferença,
No sistema prisional não quero ser mais uma cabeça,
Pô, pô, rata, tá, tá, invadiram a favela na sede de matar,
Na covardia mesmo, nego então fica ligeiro,
Cuidado meu parceiro, visão aí no beco,
Chegar na humilde, maloqueiro, correria,
Lutar por um sonho, agradecer por mais um dia,
5 da manhã o menor já tá de pé,
Carrinho de mão, vai na feira, vai na fé,
Fico emocionado quando lembro do passado,
Eu e meu primo, nosso primeiro trabalho,
Dois neguinho sem valor pra alta sociedade,
Um já terminou e o outro tá na faculdade,
É, é por vocês que tô aqui, é por vocês que componho,
Aí menor, nunca desista do seu sonho,
Independente mano do que você passa,
Não importa mina como vai na sua casa,
O mc aqui quer te ver sempre bem,
Tudo é lícito, mas nem tudo nos convém,

Por um tempo eu vaguei, andei na escuridão,
Triste, abatido, sem direção,
Queria uma razão para o meu viver,
Não achava resposta para o meu sofrer,
Encontrei a saída, nunca mais eu desisto,
Hoje posso te falar, nada tá perdido,
“O tio faz uma rima” é mais que incentivo,
Isso é minha vida, é meu compromisso,
O meu objetivo nunca foi viagem,
Projeto social e rap pra comunidade,
Sem a união nada poderei fazer,
Se levantou um batalhão para me fortalecer,
Periferia resiste, muita fé em Deus,
Coletivo da Quebrada, o sonho não morreu.

MK LoKonsciente- Desordem e Regresso

Infelizmente estamos vivendo a desordem e o regresso...

(Refrão 2x)

Me encontro triste, ao perceber o que ocorre,
O Brasil está vivendo uma grande desordem,
Espero que isso sirva pra que chegue o progresso,
Mas infelizmente estamos indo ao regresso.

Processo lento e demorado,
Antes desses manifestos o Rap já havia protestado.
Desde muito tempo que “tamo” nessa função,
Somos os negros, guerreiros, somos o povão.
Somos os pobres, os jovens da periferia,
Só não somos os ricos, a burguesia.
Minha indignação está sendo expressada,
A juventude, com certeza, é a que menos mata.
Querem prender, querem condenar.
E por que os jovens de carteira assinada não podem trabalhar?
São infiéis quando veem com seus discursos,
Isso sim, pra mim que é um abuso.
Contra nosso povo, contra nossa inteligência.
Não melhoram o ensino, o professor é influencia,
Por isso, que eles não os valoriza,
Com um salário pequeno que não incentiva.
Bato de frente porque somos da guerrilha,

Pois o Rap de verdade não é só o que critica,
Mas defende a nossa classe sofredora,
Que luta todo dia e é tratada igual a vassoura.

(Refrão 2x)

Me encontro triste, ao perceber o que ocorre,
O Brasil está vivendo uma grande desordem,
Espero que isso sirva pra que chegue o progresso,
Mas infelizmente estamos indo ao regresso.

O extermínio dos jovens, negros do gueto,
São números absurdos que até dá medo.
Não tô aqui pra defender nenhum criminoso.
Instruções não querem dar, “é melhor jogar no poço”.
O que vejo, sim é falta de fé.
Por causa da ambição que muitos não estão de pé.
Não devemos aceitar os restos pra viver,
O governo faz menos do que pode fazer.
Começando pela distribuição de renda.
Já faz muito tempo que queremos que entenda
Que a sua obrigação é os nossos direitos.
Somos nós que fazemos com que sejam eleitos.
Espero que não demore pra ver a mudança
De ter um ensino digno pra nossas crianças.
A bandeira que levanto é a verde e amarela,
Mesmo sabendo que o vermelho também faz parte dela.
Muito sangue já foi derramando,
De guerreiros e guerreiras que lutaram no passado,
Mas espero não ser confundido,
Olho pra o meu país e não pra o meu umbigo.

(Refrão 2x)

Me encontro triste, ao perceber o que ocorre,
O Brasil está vivendo uma grande desordem,
Espero que isso sirva pra que chegue o progresso,
Mas infelizmente estamos indo ao regresso.
Me encontro triste

Jonh mc- Enquanto eles roubam

(REFRÃO)

Enquanto eles roubam de barriga cheia,
Tem família chorando sem comida na mesa.
Enquanto eles roubam lá no senado,
Os pivetes na quebrada estão morrendo fuzilados.

Os pivetes na quebrada estão morrendo fuzilados,
Sem oportunidade de um bom trabalho,

De tanta roubalheira, eu já tô cansado.
Porque tudo na quebrada é mais dificultado,
Tem criança na escola, sem se alimentar,
Sabendo que tem desvio na merenda escolar,
Mas como aprender de barriga vazia,
A fome não acabou, isso é hipocrisia.
A tia na favela passa por dificuldade,
As vezes falta o pão, isso é realidade.
A muito tempo vivemos abandonado,
Na calada da noite, vivemos assustados.

(REFRÃO)

Tic, tac, o tempo tá passando,
Quanto mais passam, eles vão roubando,
Só sabe prometer, não cumprem a palavra,
No tempo da eleição querem nos comprar com cesta básica,
Com a gente não cola, pega a visão,
Só chega na quebrada em tempo de eleição,
Durante quatro anos somos esquecidos,
Nesse tempo todo, cadê esses políticos?
A situação tá precária na periferia,
Tem chuva de bala, quase todo dia,
Certamente o Brasil seria outra nação,
Se aqui não tivesse tanta corrupção.

(REFRÃO)

MK LoKonsciente - Indignado

A minha indignação é ver o meu povo sofre,
A minha indignação é ver o meu povo sofre,
A minha indignação é ver o meu povo sofre,

Há muito tempo, vejo, ouço e reflito,
O povo está sofrendo, muitos não tem um trampo digno.
Essa situação deixa muitos revoltados,
Não depende só de nós pra que chegue os resultados.
Não fico parado trancado dentro do quarto,
Aliás dentro quarto que organizo os fatos.
Os acontecimentos na periferia,
Se fosse num bairro nobre o que é que o governo faria?
Fica difícil ver tanta podridão,
Políticos roubando e crianças dormindo no chão.
Sem comida, sem um teto, vivendo na rua,
E artista ostentando, aumentando a fortuna.
É inaceitável ver hospitais fechados,
E os que funcionam tem equipamentos quebrados.
Corrupção, desvio de verbas,
No Brasil pode de tudo, principalmente as promessas.

Quer dizer, o que não pode é trabalhador,
Os números das urnas é o que tem mais valor.
Tá mais do que claro, eles não pensam duas vezes,
Eles não vão fazer nada que é do nosso interesse.

REFRÃO.

Aí Jão, revolução bate na porta,
Reaja ou será morto, reaja ou será morta.
Paz, justiça e liberdade prós malocas,
Se é preto, se é branco aí mano não me importa.
Eu tô de volta, eu sou daqueles que não se conforma,
Cansei de ver o meu povo sempre na bosta.
Agora acorda, se toca e desabrocha,
Parado não resolve, avante é sempre a rota.
Papo furado essas ideia nem cola,
Que preto é tudo ladrão, aí minha Nossa Senhora.
Minha missão é afastar os meus manos da cova,
Emitindo consciência via ondas sonoras.
Me incomoda é zé povinho que não colabora,
Não faz nada pelo preto e dar as costas.
Morde e assopra né comigo e nem fofoca,
União na minha quebrada é o mesmo bicho vem na minha horta.
CDR, MK LoKonsciente tá na hora,
Ideia reta, ideia forte, não ideia torta.
Se quiser bater de frente então prova,
Não vai passar por cima como a rima do sabota.

REFRÃO.

MK LoKonsciente- Jovens

J, O, V, E, N, S De todo o Brasil, não só do nordeste,
Tente mostrar o seu potencial,
Pra que possa ser um profissional,
Mais precisa da educação,
Ela é a base pra sua formação,
Também terá que ter a disciplina,
Homem, mulher, menino e menina.
As más amizades podem tirar da lista,
Confiança não se ganha, é, se conquista.
Em todos os momentos estou sendo observado,
Ninguém está vendo, mas Deus está do meu lado,
Em todo lugar, em tudo que eu faço,
Aos poucos estou conquistando meu espaço,
Na sociedade,
Não quero ver meu povo passar necessidade,
Dificuldades existem em todas as cidades,
Quem nunca passou, vai passar por dificuldade.

A melhor coisa a fazer é estudar,
Buscar informação pra se conscientizar.
Também tem um fato que temos que falar,
Jovens meninas a engravidar,
Muitos se envolvem na prostituição,
Outros no crime é só perdição,
O jovem tem que preservar a sua vida,
Faça como eu ande de cabeça erguida.

(Refrão 2x)

Educação, juventude, projeto de vida,
Mesmo na dificuldade, com a cabeça erguida.
Jovens da cidade e da zona rural,
Fazendo nossa participação social.

Aqui estou exercendo minha cidadania,
Da juventude de hoje em dia,
Sem esquecer da democracia,
E da educação,
Terei que falar também dessa questão,
Falar a verdade essa é minha função.
O Hip Hop veio pra passar informação,
Sim é isso aí, para toda população.
Aumentar o índice de alfabetizados,
Para que possa entrar no mercado de trabalho,
Para conseguir tem que ser qualificado.
Quanto mais alta for a qualificação,
Aí o salário terá ampliação.
O número de escolas também tem que ampliar,
Não só na zona rural, mais principalmente lá,
A população rural terá o que sempre quis?
Escola, trabalho, sem perder sua raiz.
A burguesia quer industrializar,
A zona rural não pode se acabar,
E nem diminuir,
É lá que é plantado o amendoim,
Para que no São João possamos consumir.
Eu tenho que ficar esperto pra não ficar pra traz,
Não sou apenas um, eu sou um a mais,
No meio da juventude que sabe o que faz.
Ver a juventude em pauta não é nada mal,
Estou fazendo minha participação social.

(Refrão 2x)

Educação, juventude, projeto de vida,
Mesmo na dificuldade, com a cabeça erguida.
Jovens da cidade e da zona rural,
Fazendo nossa participação social.